

[DRAMATURGIA]

SAMBA DE UMA NOITE DE VERÃO

Renato Forin Junior

[[[]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 

Anadara
Brasiliense

edições

SAMBA DE UMA NOITE DE VERÃO



ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES

2ª Edição – Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Forin Junior, Renato

Samba de uma noite de verão / Renato Forin Junior.

-- 2. ed. -- Paranaguá, PR : Anadara brasiliana Edições, 2024.

ISBN 978-85-85063-28-3

1. Teatro brasileiro I. Título.

24-234208

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:

Anadara brasiliana Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:

Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Aglaé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO:

Yaidiris Torres

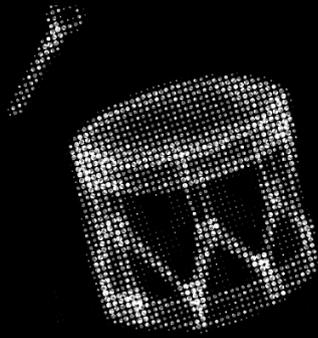
ILUSTRAÇÕES DE MIOLO:

Renato Forin Junior



Renato Forin Junior

SAMBA DE UMA NOITE DE VERÃO

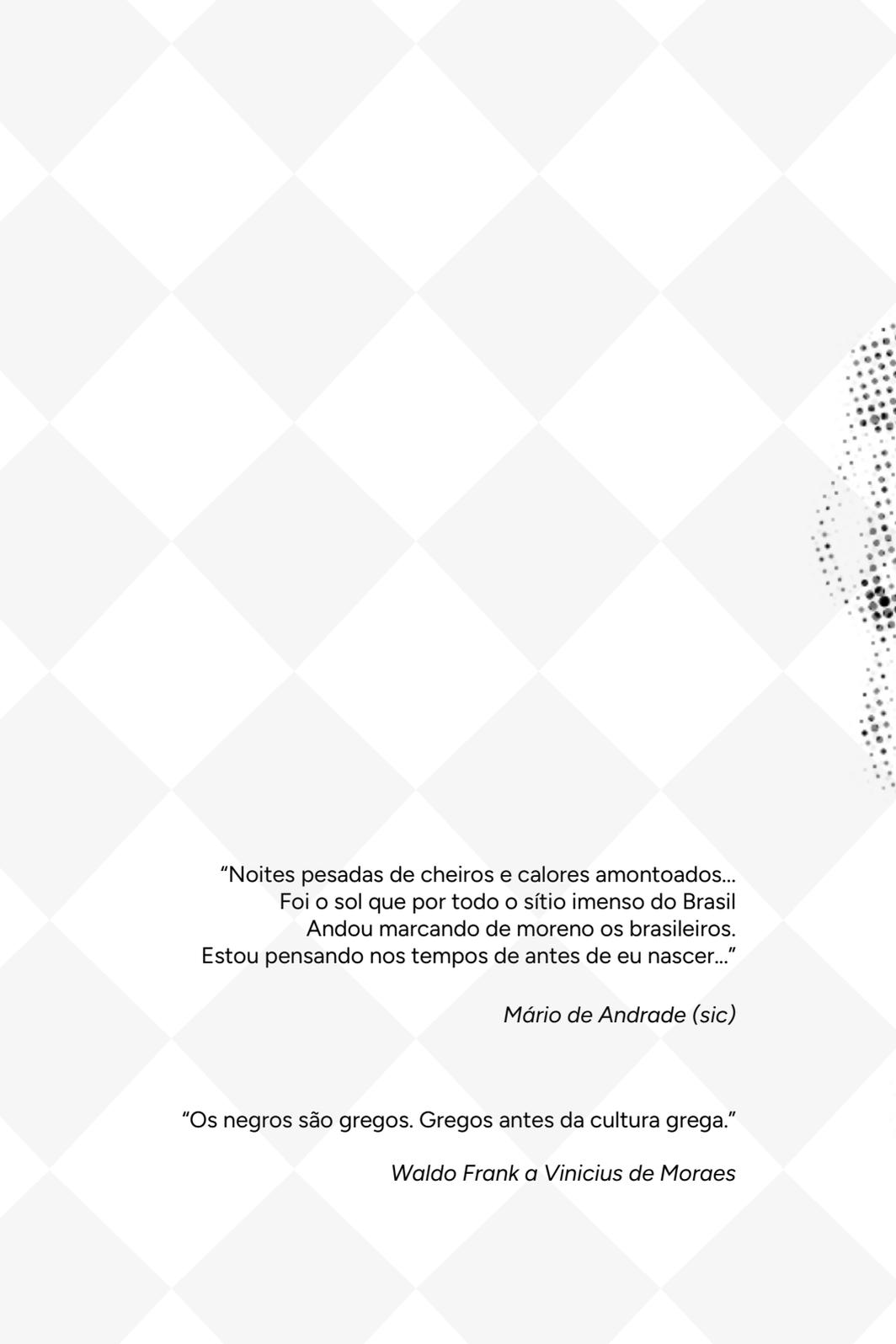


Anadara
brasiliiana



edições

Curitiba, 2024



“Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Foi o sol que por todo o sítio imenso do Brasil
Andou marcando de moreno os brasileiros.
Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...”

Mário de Andrade (sic)

“Os negros são gregos. Gregos antes da cultura grega.”

Waldo Frank a Vinicius de Moraes



SUMÁRIO

PREFÁCIO DO AUTOR | 6

APRESENTAÇÃO | 11

ENREDO | 15

PERSONAGENS | 16

1º ATO | 18

CENA 1 | 18

CENA 2 | 28

2º ATO | 33

CENA 1 | 33

CENA 2 | 39

3º ATO | 45

CENA 1 | 45

CENA 2 | 50

4º ATO | 60

CENA 1 | 60

CENA 2 | 65

5º ATO | 68

CENA 1 | 68

NOTAS | 78

POSFÁCIO | 87

SOBRE O AUTOR | 95

PREFÁCIO DO AUTOR

ECOS DE UM PAÍS LARGO E PROFUNDO

Renato Forin Jr.

Desde que o samba é samba é assim: um povo diverso cadenciando em sincopadas batidas o ritmo do próprio coração. A melodia brota natural no salto das mulheres, nos passos malemolentes do sapato branco, no assovio descomprometido do matuto. Há sonoridade no choro das crianças, no latido dos cães, nas ave-marias, nos orikis. A Língua Portuguesa, adornada por ecos *tupis* e *nagôs*, chama-se brasileira, escorre da boca em versos prosaicos, em falas musicais. No carnaval, no dia santo. Na santeria que rima Jesus de Nazaré com os tambores do *Candomblé*.

Um país ideal, tantas vezes (e quase sempre) irreconhecível nos abismos cotidianos da violência urbana e dos descalabros políticos. Mas que está aquém e além do presente, gestando e reproduzindo a nação que lega ao mundo a visionária miscigenação.

Samba de uma noite de verão mergulha nos oceanos da nossa cultura e nas matrizes que a forjaram. O que nos fez e o que faremos com o que foi feito de nós?

Tentei responder poeticamente a essas perguntas por meio dos sotaques e das canções deste musical. Na construção dramatúrgica, o cuidado sempre presente em conceber metáforas do Brasil numa perspectiva universalizante: a partir de tipos tupiniquins, de deuses africanos e de personagens clássicos de Shakespeare – figuras que já são quase arquetípicas no percurso do drama mundial e que ganham roupagem original

nesta reescritura. São recorrentes ainda as referências à música popular – nossa manifestação artística mais potente, herança vigorosa da oralidade.

A sofisticação mestiça da canção conserva-se como documento autêntico da singularidade brasileira. Certa vez, li um relato de Mário de Andrade que, pela simbologia e pela minúcia descritiva, parece parte da minha própria memória: “Uma feita, em Fonte-Boa, no Amazonas, eu passava sob um solão de matar. Era uma gostosura de linha melódica, monótona, lenta, muito pura, absolutamente linda. Me aproximei com a máxima descrição, para não incomodar a cantora, uma tapuia adormecendo o filho. O texto que ela cantava, língua de branco não era. Tão nasal, tão desconhecido, que imaginei fala de índio. Mas era latim... de tapuio. E o Acalanto não passava de *Tantum Ergo* em cantochão” (trecho de *Pequena história da música*). *Samba de uma noite de verão* fala sobre essa violabilidade das identidades originais em direção a um futuro múltiplo.

A despeito da vala de desigualdades que funda nossa história e das ondas de retrocesso que, de ciclos em ciclos, engolem os tímidos progressos, é preciso acreditar na “amálgama” da profecia de José Bonifácio, proferida ainda no século XIX. Segundo ele, a mistura de nossas gentes, originárias de tantas diásporas, seria forte, homogênea – a exemplo da liga metálica de mesmo nome – e incapaz de esfacelar-se por qualquer convulsão política.

Os moradores da Vila de Vera Cruz são deste quilate. “Um povo moreno, que parece tão pequeno até o pandeiro batucar”. Gente que desfaz com criatividade os imbróglios dos dias difíceis e que empreende cotidianamente uma revolução quieta e miúda que se esconde no futuro. Lembro Clarice Lispector olhando para Macabéa quase ao fim de *A hora da estrela*: “apesar de tudo, ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito”.

Enquanto não chega o dia do retumbante brado, a resistência do povo heroico vai sendo feita com voz bem afinada e atravessando compassos dissonantes. O samba é a filosofia, a literatura e o palanque daqueles de quem querem extirpar

direitos básicos. As cenas inicial e final da peça são simbólicas para compreender a repetição deste esquema que mantém hierarquias para a perpetuação da exploração. A nossa mesquinhez terceiro-mundista, fitando os alpes do capitalismo, faz da grana o motor de uma engrenagem devastadora dos afetos, do respeito e, por fim, da própria arte. Esta oposição semântica se mantém tensionando o fio que costura os vários núcleos de *Samba de uma noite de verão*. Mas há também, e sobretudo, uma crítica latente.

O destaque que o texto dá à cultura africana é proporcional à magnânima influência da etnia na formação do que chamamos de país – chamamos de país. A reflexão é urgente, para que não mais erremos ao responder ventriloquamente sobre quem descobriu o Brasil. Os êxodos da escravização foram responsáveis pela vinda de 4 a 5 milhões de negros ao solo brasileiro. Trata-se do maior deslocamento humano da história moderna. Somos a nação que mais recebeu africanos em toda a sanha colonizadora. Hoje, o Brasil é o país com maior contingente populacional de ascendência negra fora da África.

As marcas desta história não são só logarítmicas. Estão entranhadas na beleza e na potência da cultura. Vão do ecumênico culto a lemanjá ao camarão ensopadinho com chuchu. Alarga-se na figura das matriarcas, das líderes femininas da família e da religião. Chegam ao paroxismo de já não mais sabermos se um ritmo como o samba é o próprio *semba* africano deslocado do seu berço ou se é, como se costumou chamar, um gênero nacional, parido aqui. Digo isso ouvindo Joaquim Nabuco, na voz de Caetano Veloso, nos amplificadores do pensamento: “A escravização permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade. Seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país e foi a que ele guardou. Ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos” (trecho de *Noites do norte*).

É, pois, na própria natureza que os mitos africanos regres- sam em *Samba de uma noite de verão*. No bosque adjacente ao cortiço, imperam a deusa da beleza Oxum e o alquimista das

folhas, Ossaim. Eles são a porta de entrada para uma torrente de referências e histórias orais em que, mais uma vez, já não é possível distinguir o que é brasileiro do que é *nagô*. Um bom exemplo é Aroni, fiel ajudante de Ossaim e representado nos secretos cultos africanos com uma só perna, fumando cachimbo – a origem arquetípica do nosso Saci. A divinização dos elementos da natureza, no mínimo, é um pressuposto de respeito ao meio ambiente que deveríamos ter herdado. Deveríamos.

A peça, ao tanger a temática, apresenta-se como objeto estético permeável a reflexões sociológicas e pedagógicas principalmente para jovens em fase de formação. Um livro que, para além do interesse diletante, pode ser um texto paradidático. Vale lembrar que a Lei Federal 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental ao médio. Ao propósito didático também se prestam as notas de fim do livro, com dados sobre vida e obra de compositores brasileiros citados.

Mais que oferecer respostas, as referências presentes em *Samba de uma noite de verão* servem para aguçar curiosidades. Uma boa forma de lê-lo é na companhia de um **smartphone**. Do significado de palavras africanas, passando pelos mitos de várias matrizes, até as músicas desconhecidas, tudo está a distância de um clique na era da internet. **Por meio de QR-codes**, é possível ouvir as canções inéditas executadas por instrumentistas e cantores londrinenses ou acessar as partituras. Outro ponto importante: um texto teatral nunca termina. Ele está sempre à espera de vozes e corpos que lhe deem o sopro de vida.

Por fim, vale mencionar que a escrita desta dramaturgia foi feita ao longo de 2009, afetada por frutíferos diálogos com os diretores Edna Aguiar e Guilherme Kirchheim, alunos da Escola Municipal de Teatro, Dona Vilma dos Santos (*in memoriam*), o coordenador Silvio Ribeiro e outros mestres e amigos da Fun-cart (Fundação Cultura Artística de Londrina). Tão logo redigia os trechos da peça, eles eram imediatamente testados com os atores, sofrendo as adaptações nos embates entre a letra e a vida,

sempre importantes para a gênese teatral. Este experimento foi dos exercícios mais frutíferos da minha trajetória profissional.

Está em *Samba de uma noite de verão* – minha primeira dramaturgia – a semente de uma paixão e de um ideário que me acompanham. A crença no teatro como encontro transformador e como espaço de autorreflexão. O horror à vida organizada em suas hierarquias estúpidas, em seus rituais rasteiros. A convicção de que o palco é um dos redutos mais lindos da sua subversão.

Samba de uma noite de verão é o claro instante em que alegrias e tristezas sublimam-se num ritmo feito a partir da percussão negra, dos sopros índios e da instrumentação clássica legada pelo branco. Em amálgama. Ocasão em que os amores tropicais revelam o seu direito e o seu avesso. Momento em que a opressão e a liberdade dançam ao som da mesma melodia. Sempre num espaço largo e profundo que conhecemos (ou deveríamos conhecer) bem.

APRESENTAÇÃO

ESSE SAMBA, ESSE CARA, ESSA ARTE TODA!

Antonio Mariano Jr.¹

Arrastava os móveis, quando esse cara se fez anunciar ao interfone.

– Pode subir – ordenei ao porteiro.

– Dia de faxina.

Eu apertando lkannos nos braços, cheiro forte de *abô* e suor exalando do corpo, minhas obrigações religiosas e domésticas.

A casa toda deslocada, a máquina de lavar roupas centrifugando e andando, rebolando, diria.

A campainha.

Porta aberta, ele de boné com a aba virada para trás, todo moço, todo moderno, cheiroso, bonito; eu todo sapecado, miragem nada agradável ao meu abebé.

Entrou.

Sentou-se num canto vazio do sofá. Entregou o TCC com mais de 300 pétalas da Rosa dos Ventos.

Li dias e dias e dias. Com vontade. Muita.

Nossa velha amizade começou assim, à luz do sol e do calor de outubro de 2006. Nunca mais nos desgradamos.

Ele é tão inteligente. Culto. Humilde. Ele está na minha vida.

É meu amigo, senhores! (...)

¹ Antônio Mariano Júnior é jornalista há 32 anos e trabalhou em veículos de comunicação de Londrina, com maior atuação em cadernos e publicações culturais. Foi repórter e crítico da Folha de Londrina por 18 anos.

Ele – creio – bateu cabeça para Shakespeare.

Pedi *agô* – acho – e o Sonho virou Samba. De uma noite de verão.

O nome do cara: Renato Forin Jr.

Com *Samba de uma noite de verão*, Forin deixou descortinar o cenário da paixão, a dramaturgia.

Uma dramaturgia tão intensa quanto a divindade que se qualifica na pororoca; tão veloz e bela, arisca e doce. Magnífica!

Acompanhei o entusiasmo no feito de *Samba de uma noite de verão*. Testemunhei a obstinação do Renato na pesquisa e na escrita da peça. Vi nascer um homem de teatro. Imenso. Magnífico!!

O dramaturgo e o ator. Um excelente ator, que gosta de pisar na arena, como a sagrada Abigail, advinda de João Álvaro de Jesus – Louvado Seja – Ferreira chama seu o labor.

Compositor também, o Forin Jr. cantarolou as canções, por telefone, principalmente nas madrugadas, compostas especialmente para a peça. Até gravei uma, *Prelúdio do dia*. Para o meu disco. É outra história. Conto depois, no Meu Tempo.

(...)

Fui à estreia de *Samba de uma noite de verão*, no Circo Funcart. Fiquei encantado com o que vi e ouvi em cena.

Maravilhosamente surpreso, porque o *Samba* sonhado do Renato funde gregos e baianos. E afins.

(...)

Atenas é longe pra dedéu da Vila de Vera Cruz, cuja metáfora foi, é, e sempre será, resguardada por Oxum, doce mãe dessa gente. Dedéu: não vem do latim, do grego muito menos; é brasileiro, já passou de português.

(...)

A Vila e sua mitologia. Todo o mundo junto e misturado, parda gente.

Passeiam pelo cortiço, pela selva com noites de ritmos bárbaros, pelos atos, vejam só: Hércules, Teseu, Demétrio, Oxum,

Ossaim, Egeu, Obá, cismada Ewá, Pedro-Pedreiro, Tião Garrafão, a Dita, cuja roupa suja é lavada com sabão e beleza.

(...)

Titânia carregaria um *abebê* e se apresentaria com qual qualidade de Oxum? Oberon, assim como Ossaim, teria o olhar correto para as folhas?

Aroni tem perna a menos ou juízo menor ainda que Puck, o elfo? Pode ser, pode ser.

Shakespeare e os seus se deram muito bem com os nossos. Douraram-se ao nosso sol, lá no céu; a metáfora está na Refavela. A Vila não quer abafar ninguém. Quem é do *semba*, samba. (...)

Ah, sim, tem Noel na boca no povo da Vila de Vera Cruz.

Tem também fraseados de Elton Medeiros, Braguinha, Vinícius, Baden, Haroldo e tantos.

Tem Caymmi.

(...)

Tem Oxum, portanto. (...)

Seria eu doido para explicar *Samba de uma noite de verão*?

Quem sou para mastigar poesia, analogias, crenças, pesquisas, vontades, a ânsia intelectual desse cara? Imagina...

Não tenho dentes e nem alcances suficientes. (...)

Não me surpreendo com mais nada que vem do Renato Forin Jr.

Digo isso, ou melhor, escrevo, porque tudo o que vem dele raso não é. Tudo vem com boa timbragem.

(...)

Assim o apresentam: jornalista, pesquisador, fotógrafo, ator, dramaturgo, compositor. Acrescento: desenhista, porque dele são ilustrações em grafite no livro *Samba de uma noite de verão*. Digo mais: pinta. Telas pinceladas por ele nas paredes da casa há. Se ele borda, não sei, não reparei.

(...)

Habilidade maior tem com as palavras. Tenho orgulho do meu irmão. Tenho fé em tudo que faz.

Para mim, ele é sagrado.

(...)

Sagrado. (...)

Silêncio, por favor!! (...)

Renato escreve para sempre. Amém.

Nota do autor à nova edição:

Não ignoramos – e, inclusive, respeitamos e acatamos - a utilização da terminologia “índio” para se referir aos povos originários, como atitude linguística decolonial e forma de ressignificar a história de opressão. Sendo *“Samba de uma noite de verão”* uma metáfora crítica da formação do Brasil, o uso de determinados léxicos como “índio(a)”, “tribo”, dentre outras derivações, no discurso direto de certos personagens, tem, igualmente, a função questionadora de suscitar reflexões sobre o uso social de expressões com teor colonizador, ainda arraigadas em formas de comunicação correntes. Sobre esse uso recai, por óbvio, o peso invisível do que estes personagens literários representam em seus reflexos reais, na conformação social brasileira e na confrontação das nossas diferenças abismadas por chagas históricas. Tal observação serve para esses e outros termos potencialmente sensíveis do livro.

Ademais, dado que o texto foi originalmente escrito em 2008-2009 e publicado em 2016, preocupamo-nos, nesta e em futuras edições, com a constante atualização de sua linguagem em respeito às lutas coletivas e cientes de que a transformação da língua é um dos necessários caminhos rumo à almejada justiça social no país.

ENREDO

UM MUSICAL BRASILEIRO

Samba de uma noite de verão se passa, ao mesmo tempo, na Vila de Vera Cruz e em um bosque adjacente àquele cortiço da periferia. Personagens e cenários são metáforas da construção do Brasil.

Enquanto toda a comunidade se prepara alegremente para realizar o casamento do endinheirado Teseu com a francesa Hipólita, dois jovens casais da Vila vivem os conflitos do amor proibido. Hérnia deve unir-se ao trabalhador Demétrio, mas prefere Leandro, um poeta malandro. Helena, melhor amiga de Hérnia, deseja o primeiro.

A trama atinge seu ápice quando os desencontrados casais fogem do cortiço pela floresta. Eles não imaginam que, no bosque, duelam os orixás Oxum (deusa das águas doces) e Ossaim (senhor das folhas), pela posse de um menino humano.

É Aroni – fiel escudeiro do deus africano e designado por ele com uma infusão mágica do amor – quem vai promover uma série de repentinas paixões entre os jovens. Enquanto isso, na Vila, um grupo de rudes trabalhadores, integrantes de um projeto social de teatro, organiza uma apresentação nada convencional da lenda índio Tamba-tajá para encenar no matrimônio.

De todos esses escambos entre negros, brancos, índios e mestiços, nasce a matriz subjetiva da nação. A demagogia dos líderes sociais, a força do dinheiro, o paternalismo, os amores tropicais e a efervescência dessa gente tornam o cortiço uma amostra metafórica da sociedade *tupiniquim*. O espetáculo lança, no espaço infindo entre o fantástico e o real, uma possibilidade de interpretação de nossa identidade.

PERSONAGENS

Teseu – Homem rico e demagogo, dono de todos os barcos da Vila de Vera Cruz.

Hipólita – Noiva estrangeira de Teseu.

Dita – Lavadeira bela e encantadora.

Leandro – Malandro e poeta, paixão de Hérnia.

Demétrio – Rapaz trabalhador e responsável, pretendente de Hérnia.

Mãe-Menina – Líder religiosa da comunidade.

Carmélia – Afilhada de Mãe-Menina.

Filó – Empregado e mensageiro de Teseu.

Egeu – Velho sábio da Vila, pai de Hérnia.

Hérnia – Jovem sonhadora, apaixonada pela poesia de Leandro, mas prometida a Demétrio.

Helena – Amiga de Hérnia; garota determinada e apaixonada por Demétrio.

Jorge – Diretor de teatro carioca que desenvolve um projeto social na Vila.

Pedro-Pedreiro – Pedreiro nordestino e presunçoso.

Mogno – Marceneiro nortista e preguiçoso.

Zé-Gari – Reciclador mineiro e tímido.

Tião-Garrafão – Bêbado sulista e maltrapilho.

Alabá – Erê; espírito infantil na mitologia africana; integrante do séquito de Oxum.

Aroni – Entidade de uma perna só da mitologia africana; ajudante de Ossaim; é comparado ao Saci-Pererê da cultura brasileira.

Ossaim – Orixá africano; senhor de todas as plantas e folhas; deus misterioso e potente.

Oxum – *Ayabá* africana; deusa das águas doces, da fertilidade e da beleza; divindade geniosa e traiçoeira.

Obá – *Ayabá* africana guerreira; integrante do séquito de Oxum.

Ewá – *Ayabá* africana caçadora; integrante do séquito de Oxum.

Criança – Pajem nascido na Vila e adotado por Oxum; alvo da disputa com Ossaim.

Banda – Músicos que executam a trilha sonora e que incorporam moradores anônimos da Vila de Vera Cruz.

1º ATO

CENA 1

Sobe o pano. É madrugada na Vila de Vera Cruz, cortiço humilde encajado no coração da grande cidade. Em meio ao quadriculado cinza do centro, a Vila ergue-se verticalmente e rompe a ordem com sua geometria própria, colorida. A essa hora da aurora, tudo é sombra. Silenciosas sombras em movimento. Mulheres, homens, crianças, entorpecidos pela noite maldormida, despertam tímidos – como o sol – para a lida do dia. Dita, a sensual lavadeira, com a lata d’água na cabeça, desce o morro e abre caminho com a voz:

Dita:

Prelúdio do Dia²

Quando Deus, lá no céu,
toca em sol
o prelúdio do dia,
o trabalho principia,
faz o samba se calar.

Mas ele escapa
entre gritos e bocejos,
entre passos e arpejos
de uma gente a despertar.
E, na correria
de pés brancos, pardos, negros,

PARA OUVIR A
MÚSICA ACESSE
O QR CODE



² Canção autoral de Renato Forin Jr.

se revelam os movimentos
que, na noite, entre lamentos,
fez o corpo se alegrar.

O samba é o dom de um povo moreno,
que parece tão pequeno
até o pandeiro batucar.

O samba é o dom de um povo moreno,
que parece tão pequeno
até o pandeiro batucar.

*O ritmo sincopado do pandeiro é o despertador de toda
a gente. Sim, é hora de ir à vida:*

Compasso da Vila³

Todos: A gente acorda até antes do galo
com preguiça e lentidão
pra mais um dia de trabalho.

Aqui toda a Vila é sem eira, nem beira,
mas se agarra na ilusão
de chegar logo a sexta-feira.

Homens: Os homi olha a Dita, bendita, bonita,
e, no barraco, as muié
aguenta o bafo da birita.

Mulheres: Mas dama, na lama, faz drama, se inflama,
espera o ronco começar
pra se deitar em outra cama.

PARA OUVIR A
MÚSICA ACESSE
O QR CODE



³ Canção autoral de Renato Forin Jr.

Leandro: Na Vila de Vera Cruz,
amor roubado é besteira,
não passa de brincadeira
pra malandro se aprumar.

Demétrio: Cabra correto
aprende logo a ser esperto
e, se vê o outro por perto,
dá um sumiço na mulher.

Todos: A gente nem dorme e se morde e sacode
até o dia despertar,
na Vila, é samba e pagode.

Aqui, bom sambista é o rei da vadiagem
e ninguém ousa destronar
quem pra alegria dá passagem.

Faz-se um instante de silêncio. Logo, ele, o silêncio, é entrecortado por passos de um bom sapato. Tamanco de malandro, por certo, não é. Não há cadência, o ritmo é duro, martelado. Aparece, na mais alta laje da Vila, o ricoço Teseu, dono de todos os barracos ali. Ele está de braços dados com Hipólita.

Teseu: Aê, pessoal! Vamos parar de barulho, de vadiagem?

Mãe-Menina: Simbora, Carmélia.

Teseu: Sua bênção, Mãe-Menina.

Mãe-Menina: Meu pai lhe abençoe.

Mãe-Menina pega Carmélia pelo braço e sai.

Teseu: Hoje é dia de trabalho, meu povo.

Tião-Garrafão: Que mané dia de trabalho. Hoje? Hoje é dia de São Sebastião!

Tião, bêbado, cai. Todos os moradores riem.

Teseu: As lavadeiras já estão estendendo roupa, a barriga dos peões na construção já está gritando pela marmita. E vocês continuam aí, na batucada da noite passada?

Hipólita [*Com forte sotaque francês*]: É, *mon chérie*. Quero ver, no fim do mês, de quem eles vão roubar dinheiro pra te pagar o aluguel. Você, que é dono de tudo aqui, pula da cama antes do galo. Trabalha feito sovaco de aleijado pra manter a ordem nesse pardieiro. Mas pra eles tudo sempre acaba em samba.

Entre burburinhos de revolta, ofensa e indignação, os moradores vão saindo aos poucos.

Teseu: Ah, Hipólita! Chega pra cá, minha branquinha. O que vai terminar em samba é o nosso casamento. Essa lua de mel demora mais que premiação na loteca. Eu estou na fissura, minha doçura.

Hipólita: Sossega o facho, tesão... ops! Teseu. É daqui dois dias.

Te seu: Ai! Que tortura...

Hipólita: Passou tão rápido, né, *mon chérie*? Eu nunca vou esquecer aquele festejo de São João. A fogueira faiscando estrelas cadentes, o céu todo colorido de bandeira e você dizendo que queria me transformar na noiva da quadrilha. Roubou meu coração de princesa e trouxe pro subúrbio, né, ingrato?

Teseu: Você vai virar rainha! Rainha, minha francesinha.

Hipólita: Humpf! Só se for rainha da sucata, né? Ai, Teseu! Nosso casamento vai ser o maior acontecimento da vila. Esse povo chulé vai aprender o que é festa.

Teseu [*Grita*]: Filó, vem cá!

Filó aparece num zás-trás, como que por encanto.

Filó: Diga lá, chefinho.

Teseu: Seguinte, já está todo mundo sabendo que eu e minha dondoca vamos nos casar no sábado, certo?

Filó: Como não, chefinho? O nome do patrão e da dona Hipólita correm de missa a *ebó*. O povo da Vila só fala nisso. E tem mulata se roendo de ciúme, ganhão.

Teseu: Pois bem. Eu quero que você grite bem alto – até pras mulatas assanhadas – que eu sou da minha princesa aqui. Pode convidar toda a gentinha, que eu não quero economia. Chame também algum artista local pra fazer uma apresentação depois da cerimônia. Uma apresentação gratuita, claro, porque não tô podendo torrar dinheiro com vagabundo. Pode ser qualquer um desses malandros desocupados aqui da vila. Esses que passam o dia agarrados ao violão pra não pegar no pesado. Eu quero coisa fina, hein? Coisa fina.

Filó: Mandou tá mandado, autoridade.

Sai Filó. Entra Mestre Egeu arrastando Hérnia.

Egeu: Bom dia, meu amigo Teseu.

Teseu: Olha só quem dá o ar da graça! Salve, mestre Egeu. Como vai a oficina?

Egeu: Na oficina, a gente vai trabalhando como pode, arrancando de dia o sustento da noite, com a graça de deus. Mas é outra coisa que me fez subir o morro, Teseu. É essa minha filha sem juízo. Você acredita que a danada está enfeitando o homem que eu prometi pra ela? Demétrio é nosso vizinho, trabalhador, de boa família e tem de tudo pra oferecer pra essa ingrata.

Entra Demétrio, com pose de bom rapaz.

Demétrio [*Cantarolando*]

“Muito bem empregado numa secretaria

Educado e diplomado em filosofia”⁴.

Egeu: Quando os dois nasceram, eu acertei com a comadre que nós ia juntar o casal. Mas aquele malandro deve ter feito macumba pra enamorar minha pequena.

Entra Leandro andando, assim, de viés.

Leandro [*Cantarolando*]: “Malandro é palavra derrotista
Que só serve pra tirar

Todo o valor do sambista”⁵.

⁴ Adaptação da canção “Quatro crioulos”, de autoria de Elton Medeiros e Joacyr Santana.

⁵ Canção “Rapaz folgado”, de autoria de Noel Rosa.

Egeu: Desde o carnaval, a Hérnia não fala em outra coisa. É Leandro daqui, Leandro de lá. E ele não larga esse violão: faz versinho, canta esse amor fingido lá na janela do barraco, aparece com presente comprado com dinheiro sujo – porque nem pra trabalhar o malandro presta. Ele transformou a obediência da minha filha em teimosia. Isso é coisa feita, Teseu, coisa feita! Eu quero que o senhor dê um jeito. Pode expulsar a menina da vila, se for preciso.

Teseu: Mas Hérnia, você sempre foi uma boa menina. agora vai começar com a putaria? Tem de respeitar seu pai. Demétrio pode te dar uma vida melhor.

Hérnia: Não, é Leandro que pode me fazer feliz. Já ouviram o violão dele? É uma harpa de Orfeu. E a poesia? Nunca saiu tão bonita da boca de nenhum sambista.

Teseu [Interrompendo]: Poesia não se põe no prato; poesia não paga aluguel. E você sabe que o bojo de todo violão vira barriga de cerveja depois do casamento, né, Hérnia?

Hérnia: Não suja com os seus interesses a pureza do nosso romance, Teseu. Você é um explorador, só vive atrás de grana. Faz o povo multiplicar pão e moeda pra te sustentar com o pagamento do aluguel. Leandro não presta porque não enche o seu bolso na hora que você quer.

Teseu: Vai vir botando banca, guria?

Hérnia: O que pode me acontecer se eu não casar com Demétrio?

Teseu: Como o mestre Egeu pediu, eu te despejo da Vila. Mal aprendeu a andar e quer subir nas tamancas? Você vai ter de vender esse corpinho mirrado no calçadão pra viver. Sai com teu Leandro à cata das esmolas dos ricos ou vira puta pobre pra saber o preço da poesia.

Hérnia: Nem que minha vida seja lambar o chão de gente como você ou virar vagabunda. Antes receber dinheiro em troca de prazer do que servir de graça a um homem que não amo. O que meu pai quer é vender minha felicidade em troca das merrecas do Demétrio.

Teseu: Olha aqui, menina. Você tem até o sábado pra decidir. Se não quiser Demétrio, vai ser expulsa e terminar tua vidinha de ilusão bem longe do nosso povo. Pouco antes de me casar, mando os meus homens correrem contigo daqui.

Demétrio [*Para Hércia*]: Me aceita, Hércia. Que que custa? [*Para Leandro*] Você está vendo, malandro? Não tem vergonha de destruir uma família?

Leandro: A vergonha é toda sua, que fica implorando amor enjeitado. Por que não casa com o pai dela? É o velho que gosta de você. Hércia é minha... muito minha, se você quer saber.

Egeu: Olha só que rapaz sem respeito! Faz chacota com um homem já velho e fraco. [*Para Leandro*] Hércia só sai do meu barraco acompanhada de Demétrio ou rumo à rua da amargura.

Leandro: Oh, mestre! Minha intenção não foi ferir o senhor. É que não entendo por que insiste em Demétrio enquanto hércia me ama. Também prometo dar a ela uma vida feliz – e felicidade não mora no bolso cheio, mas um pouco ao lado, bem atrás da braguilha. [*Gargalha*]. Tem outra: o Demétrio arrasta a maior asa pra Helena, amiga de Hércia, e fica destratando depois a pobre moça.

Espanto geral.

Teseu: Eu reparei mesmo que a cadência do samba da Helena estava toda dolente. Ela, que sempre trouxe chocalho nas canelas, andava toda miudinha. Soube que nem a roupa para os clientes está lavando direito. Então o culpado é você, Demétrio?

Demétrio: Eu, nada.

Teseu: Bom, a gente precisa conversar. Você também não pode ficar cambaleando, com um pé em cada coração, rapaz. Vamos até o boteco tomar uma branquinha, Egeu. Hoje é por minha conta, porque, depois de amanhã, eu estou no cabresto.

Saem todos, exceto Leandro e Hércia.

Leandro: Ôh, minha flor... por que você anda assim toda borocoxô?

Hércia: Uma flor regada de lágrimas, né?

Leandro: Eu sei, meu bem. Mas repara só: “todo grande amor só é bem grande se for triste”⁶ [*Cantando e tocando ao violão*]. Lembra-se da canção? Eu transformo o nosso sofrimento na alegria do samba. E quando a gente vê, o samba transformou a nossa vida, matou de rir a tristeza.

Hérmia: É verdade. Eu esqueço toda essa desgraça quando você está perto, quando toca os meus cabelos com a mesma paixão com que acaricia as cordas do violão. A música é o seu perfume, Leandro.

Leandro: É que você, o violão, são partes de mim fora de mim, entende? [*Toca o ventre de Hérmia*] são a morada do que de bonito a gente deixa no mundo, mesmo depois que a gente já passou, já morreu.

Hérmia: Não fala uma coisa dessas...

Leandro: Por isso tenho mãos delicadas: pra tocar o que é sagrado. Você, mulher, e a música, são sagradas, são eternas, são invenções de Deus pra tornar a vida suportável, com alguma beleza.

Hérmia: Eu te amo tanto, Leandro. Só dá pra atravessar a vida se for com você.

Leandro: E, depois da vida, ainda, quero estar com você nos braços, tocando um samba triste pra fazer rodar alguma ciranda de estrelas, tão distante de tudo aqui.

“A estrela d’alva no céu desponta.

E a Lua anda tonta com tamanho esplendor...”⁷

Leandro continua a melodia.

Hérmia: Esse! Era esse samba que tocava na avenida quando a gente se olhou pela primeira vez, lembra? Eu queria que aquele carnaval nunca tivesse chegado à quarta- feira.

Leandro: “Meu coração não se cansa de sempre sempre te amar”. E como eu posso esquecer a visão daquela beleza tão moldada ao meu desejo?

Hérmia: Você era o mestre-sala mais jeitoso.

⁶ *Eu não existo sem você*, canção de Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes.

⁷ Canção “As pastorinhas”, de autoria de Noel Rosa e João de Barro.

Leandro: Os teus olhos infantis seguiam os meus rodopios, o teu sorriso iluminava a minha passagem. Larguei a porta-bandeira segurando o mastro pra seguir a passista da minha vida.

Hérmia: Ai, Leandro. A quarta-feira não precisa chegar nunca. Eu largo tudo aqui na Vila pra viver pra sempre com você.

Leandro: Já é. O teu gingado combina com o ritmo do meu tamanco, pequena.

Hérmia: É sério! Precisamos arrumar um jeito. Se eu ficar, vou ser expulsa.

Leandro: E você acha que eu também posso viver aqui, te vendo nos braços e abraços de outro? *[Pausa]*. Tive uma ideia! Foge comigo? Vamos embora da Vila!

Hérmia: Mas como?

Leandro: Eu tenho uma tia, Hérmia. Uma tia endinheirada que mora sozinha num apartamento em frente ao mar. O marido bateu as botas no ano passado e deixou a velha sem saber o que fazer com tanto dinheiro. Ela me adora, me considera um filho. A tia pode nos dar abrigo até a gente arrumar algum trampo na cidade.

Hérmia: É sério?

Leandro: Papo reto! Foge do barraco do teu pai hoje à noite. Eu te espero de noitinha, bem na viela que dá para o bosque aqui do lado.

Hérmia: Ai, Deus! É muita loucura, mas – quer saber? – louca eu já estou de paixão. Pode me esperar, Leandro.

Leandro: E depois, eu posso me virar com os trocados da minha música. Sempre tem um boteco, uma festa, uma esquina à espera de um bom sambista pra animar o pessoal.

Helena entra cantarolando, cheia de ironia.

Helena:

“Quem é malandro não dá
vidinha boa a ninguém.
Malandro traz no cantar
a pinta que o canto tem.”⁸

⁸ Canção “Aviso aos navegantes”, de autoria de Paulo César Pinheiro e Baden Powell.

Hérmia [*Assustada*]: Ô Helena! Aonde você vai assim, toda bonitinha?

Helena: Bonitinha? Bonitinha é a feia aqui, toda arrumadinha pra conquistar o homem que só quer saber de você, né, Hérmia?

Hérmia: Do que você tá falando?

Helena: Conta pra mim, vai: qual é o teu segredo? De onde jorra esse mel? Alguma coisa tem, pro Demétrio estar tão louco de paixão. Hérmia, Hérmia. Queria pra mim a tua beleza.

Hérmia: Ai, credo! Eu tenho nojo do Demétrio!

Helena: Eu cubro aquele gostoso de mimos. Me banho, me arrumo.

Hérmia: Eu o desprezo. Ignoro que ele existe.

Helena: Eu lavo a roupa dele, rebolo no samba só pra ele.

Hérmia: Quanto mais eu o odeio, mais ele me persegue. O cafajeste tá acabando com a minha vida!

Helena: E com a minha também.

Hérmia: Olha aqui, Helena. Você é minha confidente desde pequena, por isso vou te contar. Mas é segredo, hein? Se-gre-do.

Helena: Minha nossa! O que foi?

Hérmia: Vou acabar de vez com essa perseguição do Demétrio. Meu pai e Teseu querem me chutar pra fora do cortiço por causa dele. Antes disso acontecer, eu vou fugir de vez com o Leandro.

Leandro: É verdade. Se a gente não pode viver aqui sem amolação, o melhor é dar o fora. A gente vai se encontrar lá no bosque, ainda nesta madrugada.

Helena: Vocês estão brincando.

Leandro: É a hora de você conquistar o teu Demétrio, bonitona. Aproveita!

Hérmia: É isso, minha amiga. Eu vou morrer de saudade. Mas reza pra dar tudo certo. Vou colocar o Santo Antônio de ponta-cabeça e só desviro quando tu fisgar o Demétrio, hein? Porque o meu peixão já tá na rede.

Leandro: A minha sereia também.

Saem Leandro e Hérnia.

Helena: De que adianta Hérnia ir embora? Nem que ela morresse, Demétrio ia esquecer ela. E, no fim, é só o meu sofrimento que não morre. Fiz tudo certinho, como Mãe-Menina aconselhou. Entreguei pra Janaína as pétalas de sete rosas brancas na Lua cheia. Sete rosas e uma vida inteira pelo amor de Demétrio. Mas as ondas devem ter engolido a minha oferenda e enterrado no sal a minha esperança. *(Pausa)* Quer saber? Menos ao mar e mais à terra. Eu vou é contar pra Demétrio que Hérnia vai fugir. Quem sabe ele acorda desse feitiço ou, ao menos, me entrega uns fiapos do coração em troca da minha lealdade.

Helena sai.

CENA 2

Cheio de marra, entra cantando Jorge, o diretor teatral carioca. No seu encaixo, logo aparecem os desengonçados Tião-Garração, bêbado sulista, Pedro-Pedreiro, mestre de obras nordestino, Zé-Gari, reciclador mineiro, e Mogno, marceneiro nortista. Em meio à confusão de falas desconexas, percebe-se a musicalidade dos sotaques regionais.

Jorge:

"Sambando na lama de sapato branco, glorioso

Um grande artista tem que dar o tom

Quase rodando, caindo de boca

A voz é rouca, mas o mote é bom

Sambando na lama e causando *frisson*".⁹

Jorge: Vamos trabalhar, então, malandragem? Meu nome é Jorge, sou diretor de teatro no Rio e estou aqui na comunidade pra desenvolver um projeto social maneiro, com base no altruísmo, no desenvolvimento sociopedagógico da pessoa humana e na democratização do acesso aos bens culturais imateriais.

Os trabalhadores se olham com cara de interrogação.

⁹ Canção "Cantando no toró", de autoria de Chico Buarque de Hollanda.

Jorge: Enfim... eu vou montar uma peça de teatro com vocês. Já tenho uma história na cabeça. Quero que cada um fale o nome, que eu vou encaixando nos papéis.

Todos falam os nomes juntos.

Jorge: Um por vez, pô!

Pedro-Pedreiro: Eu sou o Pedro da Silva, pedreiro que fez mais da metade desses barraco aqui. Eu vim de Garanhuns com quinze ano de idade pra ganhar a vida e encontrei um pitêu de tabaroa aqui no cortiço. Resolvi juntar os pano de bunda e...

Jorge [*Interrompendo*]: Tá bom, tá bom. É só o nome, não precisa dar a biografia.

Pedro-Pedreiro: Briogafia? Mas que bizonha é essa? Isso é inzame de sangue ou de fezes?

Jorge: Ai, meu santo Deus!

Pedro-Pedreiro: Mas, seu Jorge, o senhor me desculpa perguntá. Eu tô numa empolgação danada pra fazê esse tiatro... mas que história nós vamo fazê?

Jorge: Eu pensei de a gente fazer uma coisa bem ligada às nossas origens. Eu tenho certeza que vai ser um puta sucesso, porque a trama é irada. É triste à beça, mas geral vai gostar. Se liga nesta parada: *A trágica história do Tamba-tajá e a morte do mó índio do Brasil.*

Pedro-Pedreiro: Ô, bichinho invocado! Não me enrola não, cabra! Essa peba vai falá é do quê?

Jorge: Então, maluco. É uma lenda índio que contam lá no Norte. A história de dois nativos superapaixonados que vivem juntinhos, no mó xamego natureba. Até o dia em que a índia acorda sem poder andar.

Pedro-Pedreiro: Coitadinha da bichinha. É triste mesmo... cumé que a mulé vai vendê balaio, as tigela, os arco e as flecha na rua, né?

Jorge: Caraca, velho. Não pira. A lenda acontece no meio do mato. Mas vamos lá, vou distribuir os papéis. [*Para Pedro-Pedreiro.*] *Brother*, tu vai ser o índio.

Pedro-Pedreiro: Mas esse índio é daqueles que dá xamego pra muié índio ou é cabra brutão?

Jorge: Ele é romântico e mó corajoso. Se mata quando a mulher índio morre, mas, antes, carrega a coitada pra cima e pra baixo, na força do muque.

Pedro-Pedreiro: Escuta aqui: não é muito aperreio carregá a tal muié índia a peça inteira?

Jorge: Ué! Tu não é o fortão?

Pedro-Pedreiro: Ó, seu Jorge. Eu vou fazê um índio tão xonado que o pessoal vai derramá lágrima. É pra irrigá o sertão inteirinho. Eu prefiro fazê um bicho aperreado tipo Lampião; mas se é um índio romântico que o senhor qué, eu faço a a muié índio gemê sem sentir dor.

Jorge: Quem é o próximo?

Tião-Garrafão: O senhor me chamou, seu homi? Eu é que sou o Tião-Garrafão. Bebo todas e fico bão.

Jorge: Caraca, seu Tião. Tu tá movendo carro a álcool só no bafo.

Tião-Garrafão:

“eu bebo sim
estou vivendo
tem gente que não bebe
e está morrendo.
eu bebo sim.”¹⁰

Jorge: Tá bom, tá bom. Tião, o papel da índia é seu.

Tião-Garrafão: Muié? u-hu-hu-hu-hu [*Emite sons índios*]. Bah, mas índia? O senhor tá me tirando pra bilora, seu Jorge? Olha aqui o tamanho da minha barba. E tem outra: as muié não me chama de garrafão à toa, viu? E elas toma é no gargalo.

Jorge: A gente dá um jeito de raspar essa moita aí, Tião.

Pedro-Pedreiro: Só um cadinho! Eu também posso raspá a barba e interpretá uma índia de primeira. Eu falo com a voz

¹⁰ Canção “Eu bebo sim”, de autoria de Luiz Antônio (Antônio de Pádua Vieira da Costa) e João do Violão.

fininha, de muié arretada de boa: “Oh, meu amor, eu te amo mais que aipim com pirarucu”.

Jorge: Não. Teu papel é o do índio, mermão. O Tião faz a índia e acabou.

Tião-Garrafão: Trilegal, seu Jorge. Eu preciso mesmo de alguém que me carrega, porque tem hora que some o chão. Acho que é problema de pressão.

Zé-Gari: Ó, seu Jorge. Eu já vou me apresentando antes que eu fico sem personage nessa história. Eu sou mineirim, quietim, timidozim, daí o senhor sabe como é, sempre acabo com os resto. Por falar em resto, o senhor pode me chamar de Zé-Gari, que eu trabaio com recicrage.

Jorge: Vai ficar sem papel nada, Zé. Tu vai fazer o papel da oca. [*Para Mogno*] E tu?

Mogno: Eu o quê?

Jorge: Seu nome.

Mogno: O povo aí me chama de Mogno.

Jorge: Não seria Magno?

Mogno: É nada! O povo faz chacota porque eu sou marceneiro. Agora, Mogno pegou.

Jorge: Bom, tu que é todo machão, vai interpretar a fera, a caça da nossa peça.

Mogno: Arghhh! [*Imita leão*]. Caça? Mas que tipo de caça o senhor quer?

Jorge: Tu pode improvisar, mermão. E só urrar feito animal brabo.

Pedro-Pedreiro: Ah, meu diretor querido. Deixa eu fazer o papel da caça! Eu posso mugir que nem bicho invocado de nervoso. Mas eu vou gritar tanto, tanto, que o seu Teseu é capaz de me colocar na jaula.

Jorge: Se liga, *brother*. Se tu fizer muito escândalo a Vila inteira vai ficar assustada. Quer morrer, malandro?

Todos [*Confusão*]: Não! não! Eu não quero morrer, minha Nossa Senhora!

Pedro-Pedreiro: Fica aperreado não, meu povo. Eu sou capaz de urrar mais que o corisco no caos, mais que o carcará. Mas também posso fazer um piadinho manso, feito canto do azulão.

Jorge: Larga de ser enxerido, Pedro-Pedreiro. Tu vai mesmo fazer o papel do índio, que é dos *brothers* mais maromba, boas-pintas e corajosos que esse Brasil já viu. Um nativo que entregou a vida pelo amor da sua tchutchuca.

Pedro-Pedreiro: Cumé que eu devo deixar minha barba e meu bigode pra fazer o índio?

Jorge: E índio lá tem barba e bigode? Aliás, é bom que o senhor fique de-pi-la-di-nho. Todo índio é lisinho.

Pedro-Pedreiro: Arriégua! Esse prego tá é me estranhando! Não tem índio desse Brasil que me faça arrancar os meus pelo de cabra-macho. Meu índio vai ser enrespado.

Jorge: Aê, geral. Vocês já têm seus papéis. Tratem de decorar as falas rapidinho. Amanhã à noite a gente se encontra no gramado do bosque aqui do lado pra ensaiar. Se a gente treinar aqui, o pessoal da Vila vai descobrir e estraga toda a surpresa. Eu não quero ver moleza, hein?!

Todos saem.

2º ATO

CENA 1

O cenário, a luz e os sons transformam-se completamente. A cena acontece agora numa floresta, um bosque conjugado à Vila de Vera Cruz. Ouvem-se rumores de tambores. Alabá está em cena. Entra Aroni, sorrateiramente, e lhe dá um susto.

Aroni: Pra onde vais, espírito infantil?

Alabá: Que susto, seu peste! Além de pernetá, você também é cego? Não vê que estou preparando o tapete de grama por onde vai passar a mais bela das *ayabás*? Colho lírios para ornar seus cabelos, recolho gotas de mel para cerzir suas guias, empresto o perfume das rosas pra borrifar na macia pele de minha *yá*. Adeus, tolo espírito. Vou indo, que mamãe Oxum já vem.

Aroni: Calma, Alabá. Vamos manter a ordem. A harmonia do mundo mágico já está abalada com esses conflitos sem fim entre o rei e a rainha. Já sabes que Ossaim e Oxum brigaram feio, né? Tudo por causa daquela criança mimada que Oxum roubou na Vila. Ossaim quer o menino e não abre mão. A floresta está em pé de guerra.

Alabá: Ah! Eu estou te conhecendo. Você não é Aroni? O sacana que vive infernizando a vida de todos os seres da floresta e atormentando os humanos? Não é você que esconde os metais de Ogum e o *abebê* d'Oxum? E lá na Vila... rouba os panos das lavadeiras, fica zunindo no ouvido do Tião. Seu Saci travesso!

Aroni: Exatamente! Sou Aroni, fiel escudeiro de Ossaim – o rei das folhas, e tudo faço pra alegrá-lo. Queimo o feijão de Mãe-Me-nina, desapareço com o chapéu de Pedro-Pedreiro. Também encho a pança com as delícias dos *ebós*. Deixo os *orixás* loucos... depois fujo feito redemoinho. Ah! também roubo brinquedo de *erê*, viu?!

Gargalhadas de Aroni. Amedrontada, Alabá corre para o séquito de Oxum, que está fora de cena. Aroni faz reverências e entoa cantos de saudação para chamar Ossaim. Aparece Ossaim repentinamente, altivo, e permanece impávido na companhia de seu escudeiro.

Alabá entra com a criança, entoando uma cantiga de ninar:

Alabá:

“É tão tarde,

a manhã já vem.

Todos dormem

a noite também.

Só eu velo

por você, meu bem.”¹¹

Entram Oxum, Obá e Ewá cantando uma saudação a Oxum.

Ossaim: Que rios lodosos te trazem, despudorada Oxum?

Oxum: Não mancha o frescor das minhas águas, Ossaim ciumento. Vamos, *ayabás!* Não quero dele nem a companhia, nem a cama de ramagens.

Ossaim: Mulher ardilosa, como ousas falar das minhas folhas? Eu sou o senhor da floresta e o teu senhor.

Oxum: Se desejas lambuzar-te no mel da mais bela *ayabá*, deve merecer minha companhia. Nem notas o tilintar dos meus *indés*. Passas o dia inteiro embrenhado no mato, acompanhando Oxóssi nas caçadas. E o que dizer de tua paixão repentina por *lansã*? Está servindo de céu pras tempestades daquela destemperada... que vergonha! *lansã* te traiu, Ossaim. Além de estar cego pelos relâmpagos da *lansã* traidora, o senhor também anda enfeitado pelos humanos. Não é o casamento de tua amada Hipólita que está te deixando mal-humorado?

Ossaim: O que tens de bela, tens de dissimulada, Oxum. Como falas de meu apreço por Hipólita, se eu sei que queres seduzir Teseu? Serias capaz de entregar todo o seu ouro em troca do amor daquele homem. Não é você que o atrai, com teu canto de lara, lá do cortiço até os domínios da floresta?

¹¹ Canção “Acalanto”, de autoria de Dorival Caymmi.

Oxum: Isso tudo é fruto das fantasias do teu ciúme. Não vejo Teseu desde o inverno, tão ocupado meu moreno está com Hipólita, aquela francesa suburbana horrorosa.

Ossaim: Não disse? Pois então, nossa guerra continua e seguirá por muito tempo. Até você deixar de jogar essa sedução barata pra cima dos humanos.

Oxum: Os ciclos da floresta giram ao contrário. Meus rios transbordam raivosos. Nem a Lua é guia das marés. Folhas secam em pleno verão e as árvores não parem os frutos no tempo certo. Tudo culpa da nossa guerra, Ossaim!

Ossaim: Nem Orumilá, com seus búzios e obis, seria capaz de prever esse destino. A culpa é toda tua, que provocas minha fúria. Tudo o que quero é este menino.

Ossaim volta-se para a criança que está nos braços de Alabá.

Oxum: Ah! Agora eu sou responsável pelo ímpeto dos elementos? De todos os dons, Obatalá confiou a mim a maternidade – e não a ti.

Ossaim: Tu sabes que, de tempos em tempos, adoto uma criança da comunidade para ensinar todos os segredos das folhas. Este *ibeji*, tão inteligente, é meu afilhado escolhido. Em minhas mãos ele pode tornar-se um grande curandeiro, pode ajudar os humanos. Mas tomaste a criança para ti, egoísta.

Criança [Para Oxum]: E eu, que sou o principal motivo de toda essa briga, vou ficar aqui quieto? Com licença, mamãe Oxum. Eu vou explicar para o seu Ossaim.

Oxum: Muito cuidado, meu pequeno. Ele está cego de ira.

Criança: Oh, grande rei da floresta! Primeiro quero dizer que fico muito feliz por ter me escolhido para perpetuar o mistério das folhas e levar para os humanos as bênçãos do verde. Mas, infelizmente, eu não posso assumir essa missão.

Ossaim: E por que não, pequeno? És inteligente, educado, sábio. É de herdeiros assim que preciso para o meu reino.

Criança: É que minha mãe humana me confiou aos cuidados de Oxum.

Oxum: Esta criança nasceu na Vila de Vera Cruz, Ossaim. A mãe foi abandonada pela própria família e pelo pai do pequeno. A pobre se viu grávida e desesperada. Todos os dias ia à beira do rio mirar-se em meus espelhos, lavar o rosto em minhas águas e confessar sua angústia. A mulher não podia levar a criança para o cortiço. Depositou o pequeno em um cesto e entregou a Olorum. Aos cursos de meus rios o *ibeji* foi confiado. Recebi a criança em minhas águas como a mais nobre oferenda.

Criança: Mamãe Oxum me envolveu em seus véus perfumados, me alimentou com a seiva dos seus seios.

Oxum: O destino da criança me foi entregue, Ossaim.

Ossaim: Mas e o teu destino, mulher? É aqui na floresta?

Oxum [*Seduzindo Ossaim*]: Fico por aqui até as núpcias de Teseu. Podes, Ossaim, vir conosco. Não queres festejar e dançar sob a luz da Lua com a *orixá* da beleza? Não desejas tocar de leve a maciez da pele de ouro? Ou moldas tua força em minhas curvas ou me esquece pra sempre.

Ossaim [*Quase entregue aos encantos da deusa*]: Antes me dá o menino! Daí irei com teu séquito e seremos como a árvore buliçosa na beira do riacho.

Oxum: Nem por mil *abebês* de ouro. Jamais lhe darei a criança. Vamos, *ayabás*!

Saem Oxum e seu séquito, composto por Obá, Ewá e Alabá, que carrega a criança.

Ossaim: Vai, Oxum. Vai, que não tarda a hora de tuas correntezas virem ao meu encontro. Não sairás da floresta até que pagues por esta injúria. [*E chamando*] Aroni!

Aroni aparece.

Ossaim: Você se lembra daquela lenda humana sobre os dois índios macuxis apaixonados?

Aroni: Perdão, meu senhor, mas são tantas histórias de amor que os humanos inventam...

Ossaim: Com os deuses não é diferente, Aroni. Mas falo do casal macuxi que vivia feliz na aldeia até ser acometido por

uma grande desgraça. Certo dia, a mulher acordou com uma deficiência nas pernas...

Aroni: E isso lá é desgraça? Eu atendo todo mundo com uma perna só.

Ossaim: O fato, Aroni, é que, depois de algum tempo, ela morreu. Mas a paixão de seu amado era tão grande que o índio enterrou-se junto dela, próximo a um riacho. E foi ali, do túmulo dos enamorados, nas matas ciliares, que brotou uma flor – o Tamba-tajá. Essa planta possui poderes fantásticos. Em seu caule, em suas folhas, circula a seiva do amor.

Aroni: Se o senhor, que conhece os segredos de todas as plantas, está dizendo...

Ossaim: Quando o sumo do Tamba-tajá é gotejado nos olhos de alguém que dorme, seja humano, seja deus, esse alguém é acometido de uma paixão avassaladora pelo primeiro ser vivo que vê, logo que desperta. Tenho planos, Aroni! Corra feito flecha de Oxóssi e traga-me essa flor.

Aroni: Vou do *Orum* ao *Aiê* numa pernada! Quer dizer... numa perna.

Sai às gargalhadas.

Ossaim: *Ewê uassá!* Vou fazer um *abô* com a flor e pingar nos olhos de Oxum adormecida. Quando despertar, ficará cega de amores por qualquer criaturinha pestilenta da floresta. Quero vê-la humilhada, implorando afetos de um qualquer, feito mendiga das paixões. Só eu tenho o antídoto. Só eu sei de outra flor capaz de curá-la da febre amorosa. Mas só faço quando ela me entregar o menino. Aí vem alguém!

Ossaim se esconde na mata e, à espreita, fica observando tudo o que se passa. Entra Demétrio, seguido por Helena.

Demétrio: Para de me seguir, mulher! Você tá pior que os carrapichos desse mato. Eu já falei que não quero nada com você.

Helena: Por favor, Demétrio!

Demétrio: Onde estão Leandro e a minha Hérnia? Eu mato aquele canalha! Você não disse que eles viriam para o bosque, estorvo?

Helena: Para de me evitar que eu paro de te seguir, meu bem. Só quero um pouquinho da tua atenção.

Demétrio: Eu nem lembro que você existe, Helena. É mais fácil notar os cachorros sarnentos que chafurdam o lixo. Pelo menos eles estão fazendo algo de útil, estão matando a fome.

Helena: E eu não estou matando a sede do meu desejo aqui, com você? Vai, faz de mim a sua cadelinha, Demétrio. Pode me comparar com os bichos, eu não me importo em ser como esses vira-latas, que os donos chutam e que voltam abanando o rabo por puro amor.

Demétrio: Que ridículo! Você quer o meu ódio, é isso?

Helena: Finge que eu sou sua cadelinha, vai. Pode me perder, me maltratar. Eu volto cheia de amor, pelo simples prazer de ser sua.

Demétrio: Isso não é hora de moça direita andar pelo mato. Você não tem medo de ser estuprada, não, Helena?

Helena: Depende de quem for o estuprador... *[Dá uma piscadinha para Demétrio]* eu não me sinto sozinha aqui, com você.

Demétrio: Quer saber? Eu vou me esconder aqui na floresta e te deixar aí sozinha – para a fome dos bichos e para as garras dos fantasmas.

Helena: Com certeza, eles têm mais coração que você. Vai, pode fugir. Nossa história não termina assim.

Demétrio: Pra mim, nunca vai começar.

Helena: Correr de mulher é coisa feia, hein? Parece que você nem tem aquele vigor de macho dos caras lá da vila...

Demétrio: Chega! Eu vou te provar quem é homem.

Helena: Isso! Me faz sua testemunha, sua vítima, sua ré. Eu vou continuar na sua cola.

Sai Demétrio. Helena o segue. Ossaim sai do esconde-rijo na mata.

Ossaim: Antes de partir dos domínios de minhas florestas, este rapaz há de amar a pobre moça.

Entra Aroni novamente.

Ossaim: Olá, escudeiro! Trouxeste a flor?

Aroni: Aqui está.

Entrega a Ossaim uma cabaça contendo a planta mágica.

Ossaim: Ah, o Tamba-tajá, planta símbolo do amor. Oxum dorme todas as noites no leito do riacho. Em meio à curva dos lírios e ao perfume dos jasmims, repousa o corpo da *ayabá*. Vou aproveitar o lume da lua cheia para ir até lá e colocar as gotas da flor nos olhos dela. E quanto a você, Aroni, leve um pouco do *abô*. Procure aqui na floresta um jovem casal humano. A moça implora o amor do rapaz, mas ele a cobre de grosserias. Deposita nos olhos dele o encanto para que olhe para ela com as vistas enevoadas de paixão. Volte antes da alvorada.

Aroni: Lá vou eu, feito raio de lânsã!

Sai Aroni. Ossaim permanece entre as árvores da floresta.

CENA 2

Entra Oxum e seu séquito.

Oxum: Meu dia foi cheio: de um lado, os desaforos de Ossaim; de outro, o casamento de Teseu. Finalmente o sol partiu e quero aproveitar um pouco o frescor da Lua. [*Oxum deita-se na grama, as ayabás cantam para ela*] Cantem, *orikis*, e contem-me lendas para que meus sonhos naveguem. Não descuidem nem um instante do pequeno, hein?

Alabá: Sinta a brisa noturna, mamãe. Toda a natureza está em vigília para guardar seu sono. Graças a você a vida prospera e são suas próprias lendas que vão embalar o descanso desta noite. [*Para a criança*] E você, menino, fique quietinho pra escutar a história.

As ayabás começam a contar as lendas de Oxum.

Ewá: Era uma vez o mundo. O mundo recém-criado por Olorum. Todos os *orixás* resolveram vir à terra e dividir os elementos, mas os deuses reuniram-se em grandes congressos masculinos para a partilha.

Obá: Oxum não pôde aceitar a situação. Grande protetora da gestação e da fecundidade, a *ayabá* resolveu usar de suas armas para se vingar da exclusão.

Ewá: Sim. A deusa da beleza guarda no fundo de seus olhos d'água o ressentimento e, no momento exato, inunda a casa de quem ousa traí-la.

Obá: Como punição aos *orixás*, Oxum tornou estéreis todas as mulheres da Terra e estagnou a humanidade.

Ewá: Após anos de infertilidade, os deuses procuraram Olodumaré para saber o motivo da grande desgraça.

Alabá: as crianças desapareceram. Não havia herdeiros.

Ewá: nem jovens para fazer a guerra e prosperar as riquezas.

Obá: Olodumaré soube que Oxum tinha sido excluída do congresso dos *orixás* e ordenou que ela e as outras *ayabás* fossem admitidas no encontro divino.

Ewá: Assim foi feito. Oxum, então, transbordou novamente o ventre das mulheres de fertilidade, povoando a terra com novos filhos.

Obá, Ewá e Alabá cantam para a deusa ao som do ijexá:

Obá, Ewá e Alabá:

Retrato d'Oxum¹²

Quem é essa moça?

(Ora, lê lê)

que me envolve no seu ventre

e dá a luz ao meu viver.

Quem é a senhora?

Ora, lê lê,

que desliza como o tempo

e revela o seu prazer.

Pureza que nasce na mina,
Menininha bonita a correr,
correnteza que flui cristalina,
cristal espelhado em *abebê*.

¹² Canção autoral de Renato Forin Jr.

PARA OUVIR A
MÚSICA ACESSE
O QR CODE



É seu rio que me mostra o destino
desse oculto mistério do ser
já não sei se é você que me habita
ou se eu moro em você.

Quem é essa moça?
(É Oxum)
que me envolve no seu ventre
e dá a luz ao meu viver.

Quem é a senhora?
(É Oxum)
que desliza como o tempo
e revela o seu prazer.

Doçura que exala dos lírios
lirismo em tuas margens de mel
melodia que embala o destino
descortino a luz do teu véu.

A tua pele é o veludo macio
que tem cheiro de flor no dossel
dos teus olhos jorra o colorido
que reflete o céu.

*Oxum adormece na calma da floresta. Saem Obá e Ewá.
Alabá fica de sentinela.*

Alabá: Guardarei teu sono, yá.

Alabá acaba adormecendo com a criança. Ossaim aparece por entre as árvores e coloca gotas do Tamba-tajá nos olhos de Oxum.

Ossaim: Pelos mistérios ocultos do Tamba-tajá, hás de se apaixonar pela primeira criatura que aparecer quando voltares desse sono profundo. Seja bicho ou homem, fêmea ou macho, não dominarás teu desejo. As humilhações do amor serão o preço de tua arrogância, Oxum.

Sai Ossaim. Entram Leandro e Hérmia.

Leandro: Hérmia, onde será o fim desse caminho? Tenho a impressão de que a gente está andando em círculos.

Hérmia: Pois é, estou muito cansada.

Leandro: Já está muito tarde e, se seguirmos, podemos nos perder ainda mais pelo bosque. Vamos descansar um pouco e esperar que o sol nos ajude a achar o caminho.

Hérmia: Boa ideia, Leandro. Este gramado aqui parece seguro, não?

Leandro: Lua cheia, uma cama com flores naturais, essa brisa fresca do verão. Não é o lugar ideal pra gente dormir coladinho?

Hérmia: Ai, Leandro. Você e suas armadilhas de sedução. Aqui eu não quero, pode aparecer alguém.

Leandro: Tudo bem, tudo bem. Hoje já foi o dia da gente conquistar nossa liberdade. Temos todo o tempo do mundo para o amor, meu bem.

Hérmia: Melhor assim. Fica bem afastado, porque, porque... você sabe: pólvora e fogo.

Leandro: Pode deixar. Melhor não incendiar a floresta. *[Os dois riem]* Dorme com os anjos, minha Eurídice.

Leandro beija Hérmia e deita-se afastado dela. Entra Aroni.

Aroni: Por onde anda o jovem humano que devo encantar com o Tamba-tajá? São Longuinho, São Longuinho, se eu encontrar o rapaz fujão, pulo de uma perna só até o fim desse mundinho!

Aroni pula e gira sucessivamente até dar de cara com Leandro em pleno sono.

Aroni: Será o jovem da Vila? Com essa pinta de malandro, só pode ser. Com certeza é... Ali está a pobre moça que ele despreza. Troglodita! Dorme afastado desse pedaço humano de mau caminho. Vou resolver isso já.

Pinga gotas do Tamba-tajá nos olhos de Leandro.

Aroni: Coloco em teus olhos o amor em forma de flor.
Quando despertar, acordará para as delícias da paixão!

Aroni sai. Entra Demétrio, com Helena seguindo-o.

Helena: Por que me nega o que, pra você, é de graça, Demétrio? Lembra a lenda de Obá que Mãe-Menina sempre conta? Eu, como Obá, seria capaz de te dar um pedaço de mim.

Demétrio: E eu, como Xangô fez com Obá, rejeito o que vem de você. Helena, me escuta de uma vez: eu tenho nojo de você. Para de me seguir!

Helena: Não me deixa aqui na floresta escura, meu querido.

Demétrio: Tchau. E fica aí!

Sai Demétrio. Helena, chorando, cantarola:

“Por que me incendiaste de desejo, quando eu estava bem, morta de sono?”¹³

Helena, sem querer, tropeça em Leandro.

Helena: Meu Deus! É o Leandro. Que horror! Será que está morto? Leandro! Leandro! Acorda!

Leandro: Minha nossa, Helena. Você é a mulher mais linda do mundo. Uma beleza tão pura, tão transparente, que deixa ver o coração. Onde está o canalha do Demétrio?

Helena: Para de brincadeira, estrupício. E deixa o Demétrio em paz. Pelo menos, Hérnia te ama. Vai ser feliz com ela...

Leandro: Feliz? A minha felicidade está nas suas mãos, pequena. É você que eu amo, não essa desajeitada da Hérnia. Todos os sambas apaixonados que fiz até hoje foi pensando no seu corpo, nas suas curvas.

Helena: Não seja malvado, Leandro. Não basta o Demétrio me desprezar, agora você também tira da minha cara. Cafajeste!

Leandro: Não maltrata quem se entrega inteiro pra você, Heleninha. É na sua voz que eu ouço a melodia do meu futuro. Hérnia, essa desafinada, só me faz sair do tom, perder o meu

¹³ Canção “Soneto”, de Chico Buarque.

passado. Que fique aí dormindo pra sempre! Vamos pra longe daqui fazer um novo destino, meu amor.

Leandro sai correndo atrás de Helena. Escuro total. Luz repentina só em Hérnia

Hérnia [*Acorda assustada*]: Não! Que horror...! Tive um pesadelo. Leandro, eu sonhei que eu era Ewá. Você lembra a história que Mãe-Menina contou? Aquela deusa caçadora que foi traída por Xangô e exilada para o cemitério? Que história triste, meu Deus. A traição é a pior desgraça que pode acontecer na vida. Leandro! Leandro! Onde você está? Por que não responde? Estou com medo dessa escuridão.

3º ATO

CENA 1

Pedro-Pedreiro, Tião-Garrafão, Zé-Gari e Mogno entram cansados, no bosque.

Mogno: CHEGUEMO! *[Deita exausto no gramado].*

Pedro-Pedreiro: Acho que nós se perdemo. E essa bre-nha é mais longe que açude no sertão! Cadê aquele varapau do seu Jorge?

Entra Jorge.

Jorge: Estou na pista, meus brother. Já dei um rolê na área: é o cenário ideal pra uma peça sobre índios.

Tião-Garrafão: uh-uh-uh-uh *[Imita som índio].*

Todos: Cala a boca, Tião.

Jorge: Esse lugar tem uma energia incrível, ideal pra ativar a memória afetiva, pra elaborar um personagem com complexidade psicológica, saca? Nós vamos construir nossa aldeia aqui no gramado, (gente?) indiarada. Simbora começar?

Pedro-Pedreiro: Ô, chefe...

Jorge: Digaê, Pedro-Pedreiro.

Pedro-Pedreiro: Eu tava pensando aqui com os botão do meu quengo. Tem uns troço que vai dá chabú nessa peça.

Jorge: Qual é, mermão?

Pedro-Pedreiro: O senhor sabe que os índio andam tudo pelado, né? Eu tô encafifado com isso. Nós vamo ter que arrancá a roupa, seu Jorge?

Jorge: Uau! Ideia maneira. Super pós-dramática essa parada do nu. No máximo, a gente pode pegar umas folhas aqui do bosque mesmo pra tampar as partes mais críticas.

Tião-Garrafão: Eu vou precisar de folha de bananeira.

“Olha a banana, olha o bananeiro.

Olha a banana nanica.”¹⁴

Pedro-Pedreiro: Eitcha! Mas será que as muié da Vila não vai ficá aperreada de ver as polpa da bunda desse bando de abilolado? Já tô imaginando o salseiro que minha preta vai arrumar.

Zé-Gari: Ô louco! Eu tenho vergonha dessas sem-vergonhice. O senhor já imaginou se tiver frio? E os negocim do mineirim todo incuidim?

Mogno: Eu sou a favor que todo mundo entre pelado mesmo, tranqüilão, do jeito que veio ao mundo.

Pedro-Pedreiro: E se nós fingí que é índio da cidade? Cada um veste um bermudão rasgado, uma camiseta véia do Corinthians...

Jorge: Ei, mané! Eu mando nessa peça. Vocês têm de aprender que, no teatro, essa coisa do nu artístico é muito natural. Vão perder a vergonha e entrar sem roupa.

Pedro-Pedreiro: Oh! Meu padinho Padi Ciço! Então eu já sei um jeito de engambelé todo o povo pra evitá confusão. Antes de começá o tiatro, eu entro de roupa e aviso pras menina-moça tampá o zoio pra mode não vê as flecha.

Jorge: Tá certo, tá certo. A gente atende a vontade do Paraíba.

Zé-Gari: Seu Jorge, por falar nas senhorinha, será que elas não vai ficá com medo da bicha do Mogno? Qué dizer, do bicho selvagem que o Mogno vai interpretá?

Mogno: Que que tem a minha caça?

Pedro-Pedreiro: Danou-se! As muié vai tudo sair correndo na hora que o Mogno começá a mugí desembestado.

Zé-Gari: É mió nós avisá no começo que o Mogno não é uma bicha de verdade. Qué dizer, não é bicho de verdade.

Pedro-Pedreiro: Mas ninguém vai acreditá. Vamo fazer o seguinte: pra ele parecê um bicho bem mansinho, no meio da caçada, eu grito: totó... *sit*... junto... finge de morto.

¹⁴ Canção “Vendedor de bananas”, de Jorge Ben Jor.

Tião-Garração sai correndo feito cachorro pra junto de Pedro-Pedreiro.

Mogno: É melhor, porque evita violência na hora de matar a caça. Eu sou é da paz, da humildade, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, da pluralidade, da sensualidade...

Jorge [*Interrompendo*]: Se liga, Tião! [*Tião se levanta.*] Mogno, você já pode ir pra trás daquele arbusto pra gente começar o ensaio. A caça fica à espreita e só vai entrar no meio da peça.

Mogno sai len-ta-men-te.

Jorge: Aê galera! A gente tem outros lances pra decidir. Preciso de alguém pra fazer o papel de pajé.

Pedro-Pedreiro: Eu sei fazer um pajé da bexiga. Daqueles índio veio abuletado que toma conta da fia pra abestado nenhum botá as garra.

Jorge: Larga de caô, Pedro. Tu já vai fazer o índio. Deixa que eu mesmo faço o pajé.

Zé-Gari: Sabe com o que eu tô preocupado, seu Jorge? O senhor falô que eu vou fazê o papel de oca, né? Como nós vai enfiá uma oca dentro da Vila?

Pedro-Pedreiro: Ah, Zé! É só te cobrir de palha de pupunha. Pelo menos você não vai ficá pelado que nem eu.

Jorge: Aê, geral, vamos começar o ensaio. A oca vai ficar bem no meio do palco. Pedro-Pedreiro, você fica fora de cena até que eu te chame pra aldeia. [*Pedro-Pedreiro sai*] Eu, que sou o pajé, começo a peça. Vai rolar um diálogo do pajé com a filha... mas, mas, cadê ela?

Zé-Gari: o Tião que é ela.

Tião está distraído, urinando em uma árvore.

Jorge: Presta Atenção, Mané!

Enquanto Jorge e Tião simulam o diálogo com mímicas, aparece Aroni, sem que o vejam.

Aroni: Quem são esses homens brutos, aprontando confusão justamente onde dorme a bela Oxum? Parece que estão montando um espetáculo. Claro que eu vou ser o protagonista da peça [*Gargalhadas*].

Jorge: Silêncio, aê! Vou começar.

Jorge [*Como pajé*]: Filha, você sabe que não tarda a hora do seu casamento. Chegou o momento e eu preciso lhe entregar ao homem que terá a dádiva de sua companhia eterna, aquele que trará a bonança de plantar em seu ventre os herdeiros da nossa terra. Os deuses me mostraram quem é ele.

Tião-Garrafão: Mas, meu pai, o destino já entregou minha alma, antes do senhor, pro meu amado. Não me condene à infelicidade pelas mãos de outro homi.

Aroni: É um índio que ele quer? Um índio ele vai ter! [*Sai Aroni*].

Jorge: Tião, tá me passando pela cabeça umas experimentações iradas. Você vai ser uma índia cantora. Saca o lance da música monódica índio? Talvez a gente consiga até uma heterofonia. Ao invés de falar, você vai cantar o texto.

Tião-Garrafão: Tudo entendido. [*Cantando com voz grave*]. Mas, meu pai...

Jorge: Você é uma mulher! Afina essa voz!

Tião-Garrafão [*Cantando com voz aguda, desafinada*]: Mas, meu pai, o destino já entregou minha alma, antes do senhor, para o meu amado. Não me condene à infelicidade pelas mãos de outro homi, eu lhe imploro.

Jorge [*Como pajé*]: Calma, filha. Os deuses me mostram que toda a natureza conspira para a união com seu amado. Pois que entre o índio mais forte e valente que o destino lhe reservou.

Entra Aroni, que traz Pedro-Pedreiro vestido como um índio.

Pedro-Pedreiro [*Bradando*]: A partir de hoje, nenhuma força maligna, nenhuma catástrofe, peste...

Jorge: Pô, maluco! É um aborígene. Vamo fugir, geral!

Saem todos correndo, amedrontados com a figura bizarra de Pedro-Pedreiro vestido de índio. Escondem-se atrás das árvores e ficam observando, incrédulos.

Aroni [*Às gargalhadas*]: Corra mais rápido, plebe rude! Vocês não viram nada. Não conhecem as galhofas de Aroni? Pois sou o rei da zombaria. Não se atrevam a entrar nestes domínios

sem antes deixarem fartas oferendas aos orixás da floresta! Onde estão as comidas de santo? Serão perseguidos por mim enquanto aqui estiverem.

Sai Aroni.

Pedro-Pedreiro: Credo! Eu quase bati a caçuleta de susto. Por que vocês fugiram, cambada de cabra frouxo?

Jorge [*De trás das árvores, com os outros*]: Fala sério, mermão! Tu tá lelé da cuca? Onde arrumou essa roupa?

Pedro-Pedreiro: Eitcha! Parece que nunca me viu, seu Jorge! Tô com os meus trapo de sempre.

Tião-Garrafão: Ai, minha Nossa Senhora! Eu acho que bebi demais. Precipita no inferno o satanás, as arma penada do purgatório, e que fica aqui na terra o que é de Deus.

Pedro-Pedreiro: Ah! Eu tô entendendo esse aperreio da peste. Vocês estão tirando uma com a minha cara.

Zé-Gari: Creio-em-deus-pai, Pedro. Oê arresorveu usá saia?

Todos: É mesmo!

Jorge, Tião-Garrafão e Zé-Gari saem correndo.

Pedro-Pedreiro [*Percebe sua saia de palha*]: Oh, meu Deus! É por isso que eu tô sentindo um vento de atravessado na banda de baixo, perto da macaxeira. Mas quem me botou essa farda, padinho Ciço? Logo eu, que não queria avexá as muié no samba do seu Teseu.

Oxum [*Acordando com a poção nos olhos*]: De que lábios parte essa doce voz que me desperta?

Pedro-Pedreiro: Perdão, dona! Eu tô com as polpa e com a pança de fora, mas juro que não faço mal nenhum pra madama.

Oxum: Até o mal que vem de você deve ser bom, homem. És a mais linda criatura, entre deuses e mortais. Teu corpo, assim, seminu, é a escultura que eu preciso para ornar o universo dos meus desejos. Eu te amo!

Pedro-Pedreiro: Ave, nossa! Não é pra tanto não, muié. Meu corpão é assim de tanto levanta tijolo pra assentá as laje lá na Vila.

Oxum: Percebo que és tão sábio quanto belo.

Pedro-Pedreiro: Oia, dona, eu não sou dos mais marmota não, mas o que eu queria mesmo sabê é sai desse bosque.

Oxum: Não! Eu imploro, homem. Não vá embora. Não condena meu coração com teu exílio. Fica na floresta e seja meu amante. Em troca lhe concedo o reinado das águas doces. Terá todos os mimos e afagos das *ayabás* da floresta. [*Chamando*] ALABÁ, EWÁ, OBÁ!

Entram as ayabás.

Alabá: Pois não, mamãe Oxum?

Oxum: Eis as deusas da floresta que lhe servirão, homem meu. *Ayabás*, sejam gentis com o mais belo e sábio dos mortais. Contem a ele as aventuras de nossas lendas, purifiquem-no banhando de *abô*, sirvam deliciosas comidas de santo. E não usem seduzi-lo, que ele é só meu.

Todas: *Saravá!*

Pedro-Pedreiro: Ôxe! Eu tô gostano dessa presepada. Daqui a pouco, começa a chegá o *jabá* com jerimum! Arre, que eu tô com uma fome da gota serena! Mas como que é a graça docês?

Alabá: Sou Alabá.

Obá: eu me chamo Obá.

Ewá: Eu sou Ewá.

Pedro-Pedreiro: Ô doido! As muiê têm os nome mais complicado que os filho da Sidicleide, lá de Garanhuns. O meu nome é Pedro da Silva, mas pode me chamá de Pedro-Pedreiro. Eu nunca vi tanta muiê bonita junta...

Oxum: Levem meu moreno para o olho d'água. Quero aproveitar junto dele a luz da Lua enquanto o céu cobre nossa cama de estrelas.

Todos saem.

CENA 2

Entra Ossaim.

Ossaim: Será que Oxum já despertou? Será que já está aprisionada na armadilha de alguma paixão ridícula?

Entra Aroni.

Ossaim: E então? Conta-me tudo o que acontece nesta noite de verão.

Aroni: Quente noite de verão, mestre Ossaim! Oxum já está apaixonada por um selvagem monstruoso. Enquanto ela dormia, trabalhadores maltrapilhos da Vila ensaiavam um teatro índio, que devem apresentar no casamento de Teseu. Os ignorantes invadiram os domínios da floresta sem, ao menos, pedirem licença aos orixás. Desconhecem o poder sagrado da natureza e não entregaram as justas oferendas. Vinguei-me de todos. Escolhi um deles para atazanar. Vesti o operário de índio, como bom selvagem que ele é – na peça e na vida. Os outros humanos incautos correram assustados. Foi por esse índio grosseiro que Oxum se apaixonou.

Ossaim: Saiu melhor que o planejado, Aroni. E quanto ao jovem da Vila? Depositou nos olhos dele o encanto do Tamba-tajá?

Aroni: O serviço está feito, nobre orixá. A essa hora, ele já deve estar morrendo de amores pela rapariga.

Entram Demétrio e Hércia.

Ossaim: Estão chegando os jovens de quem falei.

Ossaim e Aroni correm para se esconder em meio às árvores.

Aroni: Ai, ai! Será que eu fiz algo de errado? É essa a moça, mas nunca vi esse rapaz antes.

Demétrio: Hércia, meu amor. Por que fugiu da Vila e dos meus abraços? Eu te quero tão bem.

Hércia: Você sabe que eu não te quero. Aliás, eu te quero mal. Vê se me esquece de vez. Já tive de abandonar meu barraco, minha família, por tua culpa. Agora vai continuar me perseguindo?

Demétrio: Eu sigo teus passos tentando encaminhá-los para o destino certo, minha querida. Tenho um bom trabalho, tenho o respeito de toda a Vila, posso te dar uma vida de princesa. Você prefere andar no fio da navalha de um malandro?

Hércia: Desinfeta a boca antes de falar do meu poeta. Onde está o Leandro, meu Deus? Eu não duvido que você seria capaz de matá-lo por puro ciúme, canalha. Onde ele está?

Demétrio: É você quem me mata com esse desprezo. Nem vi Leandro nesse bosque. Mas, quer saber? Seria bom que aquele

malandro se danasse pra aprender a nunca mais sequestrar, com encantos baratos, uma moça inocente como você.

Hércia: Demétrio, eu fugi porque quis. Já sou bem crescidiinha pra saber com quem eu ando e para quem me entrego. Você está esquecendo que foi pra me livrar dessa sua amolação que eu dei o pé da Vila? Leandro é homem de verdade, seu frangote.

Demétrio: Tão homem que já te abandonou na primeira noite.

Hércia: Ele jamais me deixaria aqui sozinha. Alguma coisa aconteceu e eu vou descobrir. Você enlouqueceu com essa ferida aberta no coração e deve ter sumido com o Leandro enquanto ele dormia. Covarde!

Demétrio: Não me use de álibi pra sem-vergonhice do teu malandro, Hércia. Se ele está morto, eu posso te garantir que não foi por arma minha.

Hércia: Tem o seu veneno nessa história que eu sei. Vou revirar esse bosque à procura do meu Leandro e aí de você se eu não encontrar.

Sai Hércia.

Demétrio: É bom que busque também na Vila, porque, a esta hora, aquele malandro deve estar tocando violão nos lençóis de outra mulata. Deixa a Hércia se curar sozinha do rancor. Vou dormir. Dormir pra esquecer o quanto sou pobre do meu maior tesouro. Ah, Hércia!

Deita-se no chão e dorme.

Ossaim: Não há folha verdejante que não seque. O rapaz que tanto desprezou sente, finalmente, abrir nele próprio a chaga do desdém.

Aroni : Coloquei o Tamba-tajá nos olhos errados?

Ossaim [Saindo das árvores]: Você cometeu um grave erro, Aroni. Destruí um sentimento verdadeiro ao atar falsos laços de afeto. Vamos desfazer já o mal-entendido.

Aroni: Mas como?

Ossaim: Helena ainda está nos domínios da floresta. Rega a terra com as lágrimas do abandono. Busque a moça para que ela seja vista por este rapaz. Vou já encantá-lo com o *abô*.

Aroni: Volto logo, *Ewê!*

Aroni sai.

Ossaim: Pelo Tamba-tajá, acordarás para uma vida nova junto à bela Helena. E o teu desprezo ficará esquecido como a gota da violenta tempestade que cai no calmo oceano.

Entra Aroni.

Aroni: Aí vem Helena, seguida do rapaz enfeitado pelo falso amor. Toda essa gritaria vai acordar Demétrio. Daí que eu vou rir demais: dois homens tolos disputando justamente o coração mais rejeitado da Vila. Os humanos nunca sabem onde colocar o desejo.

Entram Helena e Leandro.

Leandro: O que devo fazer para que acredite no quanto é nobre e verdadeiro o que sinto? Só hoje eu acordei para a sua beleza, pequena. Você me acendeu uma chama nova, como se toda a minha vida passada fosse um caminho na escuridão à cata inútil dos prazeres.

Helena: Chama nova? Acha que eu acredito nessa balela? Guarda a poesia barata pra gastar com a Hérnia ou pra compor alguns dos seus sambas fracassados.

Leandro: Foi no escuro que jurei meu amor pra ela.

Helena: Foi é no escurinho, que eu sei bem.

Leandro: Não esculacha. Hérnia é do Demétrio, não quero saber dela.

Demétrio [*Acordando*]: Heleninha! Por que demorou tanto, meu amor? Você realmente tinha ido embora ou eu que estava perdido na escuridão dos seus olhos?

Helena: Droga! Por que fazem isso comigo? Ficam rindo de mim pelas costas... isso não se faz nem com uma mulher da vida, imagina comigo, que ainda devo ser dona de alguma migalha de dignidade.

Leandro: Demétrio, toma vergonha na cara. Não é pela Hérnia que você fica se roendo? Vamos fechar um negócio: me deixa em paz com Helena e, como pagamento, eu te entrego de mão beijada o trambolho da Hérnia.

Helena: Mas isso aqui virou o quê? Uma feira livre? Mulher é mercadoria, é coisa que se vende?

Leandro: A gente não vende, mas a gente troca, pequena.

Demétrio: Larga a mão, malandro. Helena sempre me quis, eu que andava descrente de que um monumento desse pudesse me querer.

Entra Hércia.

Demétrio: Aí vem a Hércia. Aproveita e foge pra bem longe com ela.

Hércia: Leandro, meu amor! Graças a Deus eu te encontrei! Por que você acordou e me deixou sozinha?

Leandro: Disse bem, Hércia. Acordei pra vida e me perguntei: o que é que eu tô fazendo com essa esquisita? Fugi pra viver com Helena.

Hércia: Você tá ficando louco, Leandro?

Helena: Ah, pronto! Você também participa dessa brincadeira cruel, Hércia? Estou sozinha no festival de humilhações?

Hércia: O quê?

Helena: Deles eu esperava tudo, porque a gente nunca pode contar com uma raça que sai do prumo por qualquer par de coxas na minissaia. Mas você, Hércia? Ajuda a zombar da sua melhor amiga?

Hércia: Me jogaram num sanatório florestal?

Helena: Sempre te considereei mais que uma vizinha. Pra mim, você é uma irmã quase de sangue. A tua traição é um tapa na cara da mão que sempre me afagou. Como eu fui burra de acreditar que você queria a minha felicidade!

Hércia: Se está acontecendo alguma brincadeira aqui, a vítima sou eu e não você.

Helena: E o pior: você deve ter planejado tudo e mandado os dois homens que caem aos teus pés zombarem de mim. "Vai, deem uma esmolinha de afeto praquela mal-amada". Foi isso, Hércia?

Hércia: Eu que estou sendo humilhada, mulher. Olha como o Leandro me trata.

Helena: Isso, isso. Se faz de vítima agora pra gargalhar depois. O teatrinho terminou para os três. Podem comemorar o meu sofrimento, que eu já vou embora.

Leandro: Não, Helena! Fica, pelo amor de Deus, que eu nem sei mais quem eu sou longe de você.

Helena: O atorzinho barato foi tão fundo no teatro que nem lembra mais quem é.

Hércia *[Para Leandro]*: Para de brincar com ela, meu amor.

Demétrio *[Para Leandro]*: Cai fora, malandro. Não ouviu? A Helena me ama.

Leandro: Quem disse que ela gosta de você? E, se um dia gostou, é porque ainda não conhecia o meu amor. Eu sou todo cama e poesia pra Heleninha.

Demétrio: Canalha! Você se faz de bonzinho, mas é um zé-ninguém, um babaca boa-vida que fala de poesia porque nunca pegou numa enxada.

Leandro: Olha, na real, eu pego com mais habilidade é na navalha. *[Saca a arma.]* Vem pra briga, frango.

Demétrio: Opa! Vamos, mas vamos é cair no braço, porque isso é coisa de homem. Ou vai dar uma de covarde e esconder esse muque definhado atrás da lâmina?

Hércia: Para com isso, Leandro. *[Puxa-o pelo braço.]*

Leandro: Me larga, ô macumba de encruzilhada!

Demétrio: Está vendo a delicadeza com que ele trata uma dama, Helena?

Leandro *[Para Hércia]*: Tira essas mãos enebadas de mim, animal! Esses teus ataques de dondoquice me enjoam. Mimada!

Hércia: Não fala assim, meu querido.

Leandro: Seu? Além de mimada, é possessiva.

Hércia: Você está brincando, Leandro.

Helena: Vocês estão brincando. Larga de ser fingida, Hércia!

Hércia: Que pesadelo é esse, minha Nossa Senhora? Você acabou de me jurar o seu amor, Leandro. Queria dormir comigo aqui no meio do mato, ingrato! Que tipo de paixão é essa que agora você nega?

Leandro: Você não entendeu. Eu não estou negando nada. Eu estou simplesmente dizendo que eu nunca te amei. Nunca. Aliás, eu tô afirmando que eu te odeio! É esse pitêu da Heleninha que é dona do meu coração.

Hérmia [Para Helena]: Piranha! Você roubou meu homem no meio da noite. Também! O que é que a gente pode esperar de uma lavadeira?

As duas começam uma briga corporal.

Helena: Lavadeira, sim. Lavadeira que vai esfregar essa cara deslavada, sua mentirosa! Você parece um fantoche na mão desses dois imbecis. Isso é vocação pra mulher de malandro ou pra vagabunda?

Hérmia: Aproveita e lava sua boca, vadiazinha desnutrida. Já que eu tenho vocação pra vagabunda, vou aproveitar e meter a unha na sua fuça.

Helena: Se atreva a relar a mão em mim e você volta pro colo do papai pior que galinha depenada! Eu já apanhei muito da vida, Hérmia, e foi nesse campo de batalha que eu aprendi a me defender.

Hérmia: Tá bom, tá bom, Helena. Que pesadelo! Eu não acredito que estou brigando com a minha melhor amiga.

Helena: Pois é, Hérmia. Eu me sinto apunhalada com essa brincadeira maldosa. Nunca te fiz mal. Meu maior erro foi contar pro Demétrio sobre tua fuga. Além de te seguir, ele passou a me odiar ainda mais. Meu caso não tem solução, vou voltar pra Vila.

Hérmia: Volta logo, que eu me resolvo aqui com eles.

Leandro: Comigo você não vai resolver nada, toco de mulher.

Demétrio: Muito menos comigo, trambolho. Não vai não, Helena!

Hérmia [Para Helena]: Anda logo. o que está te prendendo aqui?

Helena [Olhando para Demétrio]: O que me prende é este coração bobo, que teima em bater pela pessoa errada.

Demétrio: Ô, Helena. Vamos viver felizes juntinhos, minha linda.

Leandro: Vai ser feliz no cemitério, patife! Eu te corto inteiro na navalha. Vem, me segue.

Demétrio: Eu vou acabar com a tua raça, infeliz. E nem pelo cemitério tu vai passar, vou te encomendar direto pro inferno!

Saem os dois em duelo.

Hércia: Tá satisfeita, Helena? Você acabou com o meu namoro, com meu futuro casamento.

Helena: Eu? Hércia, você acabou com a minha vida e com uma amizade de infância. O que é mais importante?

Hércia: Você traiu minha confiança.

Entram Aroni e Ossaim.

Ossaim: Está vendo tudo o que aconteceu por causa de tua cabeça de vento, Aroni? É tanta confusão que já nem sei o que é engano e o que é peraltice.

Aroni: Juro que foi um erro, senhor. Pediste para eu encantar um rapaz da Vila, sem dizer qual deles seria. Assim eu fiz – e não posso ser culpado. Mas – quer saber? – estou me divertindo horrores com todo esse quiproquó.

Ossaim: É preciso muita responsabilidade para manusear o axé sagrado das plantas. Vamos desfazer já o mal-entendido, Aroni. Siga os rapazes que, nesse momento, devem estar em combate. Aproveita o breu e a neblina da noite para confundir os dois jovens, levando-os para caminhos diferentes. Impeça a briga e faça recair sobre eles o profundíssimo sono de Oxalá. Só então coloque nos olhos de Leandro um pouco do sumo desta flor [*Dá a ele a poção*], que o fará reconstituir o juízo e retomar o amor pela pobre Hércia. Todo conflito, então, não terá passado de um sonho. Quanto a mim, vou pegar de uma vez o menino de Oxum e livrá-lo finalmente daquele selvagem.

Aroni: Então vamos sem demora, Ossaim. A leste do céu, já vejo o azul clarear o breu da noite. Temos poucos minutos sob as estrelas para desfazer toda essa confusão. Daqui a pouco, as nuvens da aurora aparecem vestidas de lilás. E lá se vão os mistérios da floresta...

Ossaim: Cumpra sua missão, Aroni.

Ossaim sai.

Aroni: Tolos humanos. Trago-os de cá pra lá, de lá pra cá, embriagados pela ira e pela paixão.

“Coitado do homem que cai no canto de *Ossanha* traidor.

Coitado do homem que vai atrás de mandinga de amor.”¹⁵

Ossaim pega a criança. A floresta está agora tomada pela neblina da alta madrugada. Entra Leandro.

Leandro: Onde você está, Demétrio? Aparece, covarde!

Aroni [*Imitando a voz de Demétrio*]: Estou aqui. Por quê? Vai se esconder de medo?

Leandro: Vou é te alcançar.

Aroni [*Mudando de lugar, como Demétrio*]: Eu estou aqui no gramado. Vamos decidir quem é o mais forte.

Sai Leandro. Entra Demétrio.

Demétrio: Qual é, malandro? Vai fugir? Nem com navalha você aguenta o tranco?

Aroni [*Imitando a voz de Leandro*]: Estou aqui, à sua espera. É você que deve estar se borrando. Assume o medo, frangote!

Demétrio: Fala! Fala onde você está!

Aroni [*Mudando de lugar, como Leandro*]: Segue a minha voz, sabichão.

Saem Aroni e Demétrio. Entra Leandro novamente.

Leandro: Ele é covarde. Está morrendo de medo, mas, mesmo assim, me provoca e foge. Não vou dar mais trela pras maracutaias do Demétrio. O sono está me matando. Vou deitar aqui uns minutos, mas aquele canalha não me escapa, amanhã.

Dorme. Entram Aroni e Demétrio.

Aroni [*Com a voz de Leandro*]: Mulherzinha, está se escondendo no mato?

¹⁵ Canção “Canto de Ossanha”, de Vinicius de Moraes e Baden Powell.

Demétrio: Você vai ver a força da mulherzinha quando eu te encher a cara de porrada, Leandro.

Aroni [*Mudando de lugar, como Leandro*]: Ai! Que medo! Vem aqui.

Demétrio: Vem você me alcançar pra ver com quantos ós se faz um samba. Vai, se entrega de uma vez. [*Silêncio*] Já saquei, aquele infeliz está me fazendo de idiota. Vou descansar um tiquinho pra ver se baixa a neblina. Já, já volto a procurar o fujão.

Dorme. Entra Helena.

Helena: Quando vai acabar essa longa noite, meu Deus? Estou exausta. Se fosse só o cansaço... mas tem essa dor no peito, a mágoa, o vazio, a vergonha. O duro é ter de amanhecer de cabeça erguida, esquecer toda a humilhação e lavar mais um bolo de roupa pra sossegar o estômago. Amanhã o dia vai ser longo. Vou dormir um pouco.

Deita e dorme.

Helena: Quando vai acabar essa longa noite, meu Deus? Estou exausta. Se fosse só o cansaço... mas tem essa dor no peito, a mágoa, o vazio, a vergonha. O duro é ter de amanhecer de cabeça erguida, esquecer toda a humilhação e lavar mais um bolo de roupa pra sossegar o estômago. Amanhã o dia vai ser longo. Vou dormir um pouco.

Deita e dorme.

Aroni: Aqui já estão três. Assim que chegar a última, os casais estarão completos.

Entra Hérnia.

Hérnia: Eu nunca imaginei ser rejeitada assim. O que é que eu fiz? Será que é errado amar demais, será que é pecado tentar ser feliz? Não aguento mais essas mil caraminholas na cabeça. Vou deitar um pouco pra esquecer.

Aroni: Para cada humano há de haver um par ideal. Não é assim que eles querem? Com essa mágica [*Pinga o sumo nos olhos de Leandro*], o imbróglio vai se desfazer para os casais. Eu os condeno à felicidade.

Sai Aroni.

4° ATO

CENA 1

Entram Oxum, Pedro-Pedreiro vestido de índio, Alabá, Obá e Ewá.

Oxum: Vem cá, índio viril das minhas florestas. Deita-te comigo na cama de lírios, que vou te banhar com puros perfumes. Chegou a hora de saborear meus beijos de mel.

Pedro-Pedreiro: Só um instantinho, muié. Onde é que tá aquela menina? Cumé o nome dela? Aladin?

Oxum: É *Alabá*. Vem, *erê!*

Alabá: Pois não, seu Pedro?

Pedro-Pedreiro: É tu mêmo, menina. Eu sei que cê é mais espoleta que calango. Que tal abaná um pouco o tio? É que tá um calor da peste nesse mato.

Alabá: Às suas ordens, seu Pedro!

Pedro-Pedreiro: E a senhora, Obá? Tá aí de vadiagem, balançando as cadeiras de um lado pro outro. Podia vir aqui me ajudá com um troço.

Obá: O que desejas, senhor?

Pedro-Pedreiro: É que eu tô aperreado. Arribei muro o dia inteiro lá na Vila, depois saí correndo pra ensaiá com aqueles mané. Tô com a minha coluna lesa.

Obá: Coitadinho do seu Pedro.

Pedro-Pedreiro: A senhora tem umas mão de fada. Podia é fazê uma massage pra me tirá um pouco da gastura.

Obá: Às suas ordens, seu Pedro!

Pedro-Pedreiro: Oh, Ewá. Foge não, bichinha.

Ewá: Como ousaria fugir de tão nobre homem?

Pedro-Pedreiro: Agradicido. Oia, a senhora não é a caçadora desse pasto? Não é a Maria Bonita da floresta? Podia usar essa força de muié brutona pra matá um frango. Eu tô bicado de vontade de cumê uma galinha assada, daquelas recheada com sarapaté de moela, sabe?

Ewá: Às suas ordens, seu Pedro!

Sai Ewá.

Oxum: Queres dormir ao som de que música, querido?

Pedro-Pedreiro: Carece de tudo isso, não.

Oxum: Faço questão.

Pedro-Pedreiro: Já que a senhora insiste, eu ouvo muito samba, sabe? O povo lá da Vila, pra qualquer pé de frango, já faz uma batucada.

Ao sinal de Oxum, o pandeiro toca.

Pedro-Pedreiro: Agora esse salseiro ficou bom! A senhora não vai cair no samba, não? Vai lá, dona Oxum! Eu costume ficá quieto no meu canto, só de butuca nas tanajura.

Oxum: Antes preciso servi-lo, meu bem. Desejas beber o quê?

Pedro-Pedreiro: Ôxe! A senhora ainda pergunta? Manda vim a cerveja e um rabo de galo pra esquentá.

Pandeiro vai ralentando.

Pedro-Pedreiro: Ave! Foi falá na bebida do belzebu que me deu uma lesera só. Acho que vou puxá uma paia.

Oxum: Dorme, que te acalantarei nos meus braços d'água. Saiam todas daqui, *ayabás!* Não quero que incomodem o sono do meu amado. Vou te fazer navegar pelos sonhos mais lindos. Dormirei junto de ti como uma hera que abraça a árvore.

Saem Alabá e Obá. Oxum e Pedro-Pedreiro adormecem. Entram Ossaim e Aroni.

Ossaim: Veja essa cena, Aroni. Começo a ter pena da deusa tão bela arrastando-se como um rio pútrido pelo amor do selvagem. O orvalho nas flores, antes belos diamantes incrustados, agora são lágrimas que escorrem pela desgraça de Oxum. Já tomei o menino

para mim. Ele está aos pés de Iroco, a árvore sagrada. Devolve as roupas a esse bruto e leve-o de volta para o mundo dos humanos.

Sai Aroni, conduzindo Pedro-Pedreiro, sonolento.

Ossaim: Agora preciso desfazer o encanto da *ayabá*. [*Pinga gotas do ató nos olhos dela*]. Esquece as máculas da mentira e torna-te quem tu és: rio límpido e sinuoso, correnteza bela e calma.

Oxum: Ossaim! Acordei de um pesadelo terrível. Onde estamos? Vi índios como operários rudes, namorados se atacando, homens em duelo, *orixás* humilhados em seus próprios domínios...

Ossaim: Todo pesadelo é espelho da nossa vida interior, Oxum. Esquece esta noite.

Oxum: Quem são esses humanos aqui, dormindo ao embalo das vozes dos deuses?

Ossaim: Poucos, pouquíssimos, são os ouvidos que escutam a orquestra da natureza. A gargalhada de Exu na estrada, o tilintar de teus *indés* nas águas, o *paô* de minhas folhas, o sussurro de lã no vento, os trovões de Xangô, o murmúrio de Oxalá no crepúsculo. Muitos são surdos e dormem à mágica do mundo, Oxum.

Oxum: Por falar nisso, o mundo está prestes a dar à luz mais um dia. É bom estar em paz, festejar a ciranda dos astros ao teu lado, Ossaim. Lembra-se do nosso destino? A árvore buliçosa na beira do riacho. É hora de saudar o sol.

Saem Oxum e Ossaim. Entram Teseu, Hipólita, Egeu e Mãe-Menina.

Teseu: Eu não mereço! Acordar de madrugada, no dia do meu casamento, pra procurar aquele bando de moleques. Eles vão ouvir poucas e boas quando aparecerem.

Hipólita: *Je suis d'accord, mon amour.* Você devia dar uma coça bem dada naqueles quatro. Quem eles pensam que são para arrumar confusão logo na véspera de *notre marriage*, la maior fête de todos os tempos? Eu devia estar descansando a minha cútis entre travesseiros de pluma de ganso. Mas não! Estou aqui no meio dessa selva à procura dos marginais.

Teseu: Fica calma, Hipólita. Veja pelo lado positivo: não é romântico a gente começar este dia especial assim, dando boas-vindas ao sol? O amanhecer aqui do bosque é lindo.

Hipólita: Meu filho, êtes-vous folle? Paris é a cidade luz! *La ville lumière!* Que *beauté* você vê nesses grilos berrando, nesse barro entrando no salto, nesse fedor de podre? *Je suis fatigué de marcher* por esse mato.

Egeu: Perdão, senhora Hipólita. Eu sou culpado. Mas eu não podia deixar de avisar o seu Teseu sobre o sumiço da minha filha. Ela nunca ficou pra fora do barraco, assim, sem avisar. Nós já campeamo a Helena, o Demétrio e o Leandro e parece que todo mundo resolveu dá no pé. A Mãe-Menina viu nos búzio que eles estão por aqui.

Mãe-Menina: Esta foi uma noite muito especial, mestre Egeu. A Lua cheia alumia a guerra de Oxum com Ossaim. O turbilhão da natureza acabou por envolver também os meninos. Ouça o que eu digo: nós não somos donos de nada, nem do próprio Ori. É preciso se render à nossa parte desconhecida, porque é ela que guia a gente nesse mundo. Eu garanto que os meninos não estão longe, e nem eles mesmos sabem por onde andaram.

Mãe-Menina começa um canto de saudação aos orixás da floresta. Ela avista os quatro jovens.

Mãe-Menina: Acordem, filhos, acordem.

Teseu: Olha só, mas não são os fujões? Todo mundo preocupado e os bonitos aproveitando a noite de verão pra armar festinha no bosque. Agora estão aí, caídos de tanto beber.

Egeu: Hércia, minha filha, você tá viva?

Teseu: Bando de irresponsáveis! Isso é coisa que se faça?

Egeu: Deve ter acontecido alguma tragédia, seu Teseu. Deixa eles falarem.

Teseu: Tragédia? O nome disso é sem-vergonhice. Os dois marmanjos, que ontem mesmo se detestavam, estão aqui, dormindo um ao lado do outro. Hércia e Helena também não estão nem aí pra nada. Os jovens de hoje só pensam em farra.

Leandro: Farra não, Teseu. Espera lá. Ainda estou meio atordoado de sono. Juro que nem sei como vim parar aqui, mas a minha intenção era só fugir com Hércia pra viver longe da enchecção de saco da Vila.

Egeu: Malandro dos infernos! Queria fugir com a minha filha? [*Para Demétrio*] e você deixou que ele enganasse todo mundo, Demétrio? Seu frouxo!

Demétrio: Não é isso não, mestre. Pelo contrário. A Helena me contou sobre a fuga e eu vim até o bosque para pegar os dois no flagra.

Hipólita: E aí, chegando aqui, resolveu beber e dormir com os traíras? Que *petit amour* !

Demétrio: Nada disso, eu não estou bêbado. Também dormi feito uma pedra e lembro muito pouco. A única coisa que sei é que estou perdidamente apaixonado pela Helena. Não quero mais casar com a Hércia. Aquele amor louco é uma sombra desbotada na minha memória. Parece que foi há tanto tempo... desculpe, mestre Egeu, mas seria um engano pra todos nós. Ela ama Leandro e os dois merecem ser felizes.

Teseu: Olha só, que novidade! Por acaso, você decidiu gostar de Helena só pra Hércia não ser despejada? Quer que a malandrinha fique ao alcance das suas garras, né?

Demétrio: Juro que, da Hércia, não quero mais que amizade, Teseu.

Teseu: Essa história está muito mal contada. Bom, se a lorota é verdade, eu proponho uma prova de fogo: vamos fazer o matrimônio dos dois casais hoje, junto com o meu casamento. Quero ver neguinho voltando atrás na hora da aliança entrar no dedo.

Hércia: Meu Jesus amado! Como assim? Eu nem tenho vestido. Aliás, isso é sonho? Pesadelo? Acho que ainda não acordei direito.

Helena: Para de bobagem, Hércia. Quer felicidade maior do que se juntar pra sempre com o homem que a gente ama? Eu subo no altar até pelada!

Demétrio: Deixa essa parte pra depois do casamento, meu bem.

Leandro: E eu volto com a minha pequena pro berço do samba. Tenho que confessar que o meu violão desafina, longe

da Vila. Só de pensar no regresso, os meus dedos já começam a formigar. Estou louco pra transformar todos os loucos sonhos desta noite em samba.

CENA 2

É manhã de sol na Vila de Vera Cruz. Entram Jorge, Tião-Garrafão e Mogno.

Jorge: Aê, malucos! Viram se o Pedro-Pedreiro já voltou pra Vila? O otário tava pagando de índio pra assustar a rapaziada. Será que já encontrou o caminho da oca?

Mogno: Alguma coisa aconteceu. Passei lá no barraco de Pedro ainda há pouco e não tem nem sinal do homi. Será que ele foi raptado pelos fortes e altos e belos e viris deuses da floresta?

Tião-Garrafão: Eu tô preocupado com outra coisa. Como é que eu vou ser uma índia manca sem o índio pra me escorá? Minha índia tem as perna mole, pô! Se o seu Jorge quiser, eu posso usar a muleta que eu trago aqui no meio das perna.

Jorge: Não, mermão. Sem chance. O Pedro tem de aparecer! Não tem outro *brother* na Vila que consiga fazer o herói. Ele, o Pedro, incorpora a beleza selvagem que eu quero na peça. Um perfil másculo e, ao mesmo tempo, deformado. Clássico e, ao mesmo tempo, estilizado. Um autêntico corpo dilatado de Eugenio Barba.

Tião-Garrafão: Eu concordo, seu Jorge. Desse bando aqui, ele é o guri mais forte pra me suportá nas costas. Pra me derrubá, tem que ser homi! Quer dizer, pra me carregá. Pra derrubá também. Enfim...tem que ser homi!

Entra Zé-Gari.

Zé-Gari: Minha gente, parece inté mentira, mas ocês acreditam que não vai ter um só casamento hoje, na Vila?

Todos: Não?

Zé-Gari: Vai assucedê três casório!

Todos: Três?

Zé-Gari: Eu tava catando os reciclado de manhã cedinho e arreparei que a vila tava um rebuliço só. Todo mundo acordô com os galo. Eu ouvi o seu Teseu comentano. Dois casal da Vila vai casá na mema hora que ele. Esse trem vai ser grande por demais.

Jorge: A essa hora, a galera deve estar na beca, quase na porta da capela.

Zé-Gari: Daqui a pouco começa a festança.

Tião-Garrafão: Daqui a pouco, começa a bebedeira! Eu quero mamar mais que noivo em lua de mel.

Mogno: Ai, que perrengue! O Pedro tinha de ter sumido logo hoje? Gorou tudo. Eu queria tanto que nossa peça tivesse dado certo. Já pensou o sucesso? De marcineiro a estrela de teatro!

Zé-Gari: O pessoal ia achar nossa apresentação tão bonita que o seu Teseu era capaz de perdoá nossa dívida do aluguel.

Tião-Garrafão: certeza que o seu Teseu ia pagar umas rodada de rabo-de-galo, caipirosca, maria-mole. Oia meu braço... os pelo tudo arripiado só de pensar!

Entra Pedro-Pedreiro.

Pedro-Pedreiro: Ô bando! Onde cêis se enfiaro?

Todos [Confusão]: Olha! O Pedro!

Jorge: Pô, Goiaba! Graças a Deus tu voltou. Será que ainda dá tempo de apresentar no casamento?

Pedro-Pedreiro: Peraí. Antes, eu preciso contá tudo o que aconteceu lá no bosque. Imagina um bando de muié daquelas formosa mêmo. Boa de cara, das cadeira vistosa. Vocês nem vão acreditá, mas umas deusa da floresta ficaro doida ni mim.

Tião-Garrafão: Depois eu que sou o bêbado.

Mogno: Mas não eram deuses belos e fortes?

Jorge: Vamos parar de lenga-lenga. Depois tu conta em detalhes o teu sumiço, um-sete-um. Agora, geral tem que correr.

Pedro-Pedreiro: Eu passei na frente da capela agorinha. Tava tudo enfeitado de fror e um povo na farda já tinha começado a chegá. Pobre chega cedo em casório que é uma miséria. Vamo entrá na carreira que, de tardinha, a gentarada desce pra festa.

Mogno: Meimundo tá vindo pra cerimônia. Ai que *gramour* !

Zé-Gari: Que vergonha, minha nossa senhora! Vai ter muita gente...

Tião-Garrafão: Eu vou bebê uns goró pra passá a insegurança. Mas quero que fica craro que eu não bebo por vício, é só pra passá a insegurança.

Jorge: Aê, geral. Vamo se apressando. Merda pra todo mundo!

Todos: Merda?

Zé-Gari: Mas que merda é essa?

Tião-Garrafão: Que é uma bosta é uma bosta.

Mogno: Será que ele quis dizê que vai ficá uma merda?

5° ATO

CENA 1

Entram Teseu e Hipólita vestidos de noivos.

Hipólita: *Ah, mon amour.* Você acredita em cada uma... está muito estranha essa história que os rapazes contaram. Agora a floresta tem poderes mágicos? O matagal desperta paixões? Pelo amor de Deus. *Je ne crois pas.*

Teseu: Sabe, Hipólita? Não é a primeira vez que o pessoal da Vila vem me contar de umas histórias esquisitas que acontecem no bosque. Você acha que eu ligo pra fantasia desse povo? Pouco me importa se eles foram encantados por Deus ou pelo diabo. O importante é que paguem o aluguel em dia e que não arrumem confusão pra minha cabeça.

Hipólita: *Oui, oui.* Eu tive de respirar *très* fundo pra aceitar que aqueles quatro desclassificados pisassem no mesmo tapete que eu na igreja. Isso é papel que se faça, Teseu? Esse dia era pra ser só meu. Você ofuscou o brilho do nosso casamento convidando aquela plebe pra subir no altar.

Teseu: Deixa isso pra lá, Hipólita. Já não estamos casados? Amanhã mesmo começo dois puxadinhos por aqui. Você tem de pensar pelo lado prático: duas famílias novas significam mais dois barracos alugados. Vamos engordar nossos cofres, meu amor.

Hipólita: A molecada está mais preocupada em fazer samba e amor, Teseu. Quem disse que vadiagem dá dinheiro? Além de não pagarem a conta, ainda vão nos tirar o sossego com essa batucada de machucar os ouvidos.

Entram Leandro, Demétrio, Hérnia e Helena, vestidos de noivos e cantarolando, na brincadeira:

“Vamos acabar com o samba,

madame não gosta que ninguém sambe.

Vive dizendo que samba é vexame

Pra que discutir com madame?”¹⁶

Teseu: Não são os mais novos casados da Vila de Vera Cruz? Foi uma cerimônia bem bonita, não foi?

Leandro: Oh, meu amigo Teseu. Nós nem sabemos como agradecer a honra de participar de seu casamento. Você provou mais uma vez que se importa com o pessoal mais humilde daqui.

Teseu: Imagina! Deixa isso pra lá. Não tem nada para agradecer. Agora é hora de festa.

Os casais comemoram.

Teseu: Bom, amanhã bem cedo eu quero conversar com os dois rapazes. Vocês sabem como é – quem casa, quer casa. Eu já estou providenciando dois barracos bacanas aqui no cortiço pra vocês. Um cômodo e banheiro, telhado de zinco...

Hipólita: Pois é. Daqui uns meses começam a chegar *des enfants*. Vocês têm de pensar no futuro, meninos.

Hérmia [*Para Helena, em um canto*]: O Teseu não me engana. Agora tem uma companheira pra dividir a ganância.

Helena: É... a ganância eles somam, não dividem. Insuportáveis.

Teseu: Bom, mas isso é assunto pra amanhã. Qual será a apresentação que Filó escolheu para divertir a festa? [*Gritando*] Filó!

Demétrio: Já ia me esquecendo, Teseu. Filó ficou na igreja acertando as contas com o padre Clemente, mas mandou este bilhete pro senhor. Parece que ele explica aí quem vai se apresentar esta noite.

Teseu lê a carta em silêncio.

Hérmia: Tomara que seja um grupo de samba bem animado.

Helena: Eu quero me acabar de dançar esta noite.

Hipólita: *Je préfère une orchestre symphonique.*

Leandro: E aí, Teseu? Vamos cair na batucada?

¹⁶ Canção “Pra que discutir com madame?”, de Haroldo Barbosa e Janet de Almeida.

Teseu: Nada disso. Filó está dizendo que convidou um pessoal da Vila mesmo, para apresentar uma peça de teatro. Parece que é um grupo amador de trabalhadores.

Todos [*Desanimados*]: Ai que saco! Teatro... essa chatice.

Demétrio: Ouvi rumores sobre esse trabalho. Sabe quem são os atores? Vai imaginando: o chato do Pedro, o Zé-lixeiro, o Mogno da marcenaria e o Tião.

Todos caem na risada, descrentes.

Leandro: E qual é o nome da comédia?

Teseu: Não é comédia, não. Diz o Filó que é um drama daqueles. Uma história sobre índios.

Hérmia: Programa de índio, isso sim.

Teseu: Escutem só o nome do espetáculo: "A trágica história do Tamba-tajá e a cruel morte do maior índio do Brasil".

Hipólita: *Non, non, non.* Que *terrible!* Não deixa esse bando de desclassificados estragar nossa festa de casamento, *mon amour.* Você acha que esses brutamontes, que nunca usaram a cabeça, vão ser capazes de fazer uma peça de teatro?

Teseu: Pensa bem, Hipólita: a gente vai morrer de rir das trapalhadas. Hoje tudo é farra. Vamos imaginar que eles são palhaços.

Hipólita: Eu tenho pavor de pensar naquelas mãos sujas e calejadas tocando fina flor *de l'art.*

Teseu: Relaxa! você vai ver como a peça vai nos distrair enquanto a gente espera, na fissura, a hora da lua de mel.

Hipólita: Não me mata de vergonha, tesão... ups!... Teseu!

Leandro: Bom, diversão mesmo eu garanto pra depois que os malandros acabarem a tal peça. Fiz um samba novo especialmente pra hoje.

Teseu: Maravilha! Peraí, mas os atores já estão atrasados, né?
Entra Pedro-Pedreiro, perdido, de toalha.

Demétrio: Ali, ó! Ei, Pedrão! Vai tomar um banho de Lua?

Pedro-Pedreiro: Ói o sujo falano do mal lavado! Vai tu tomá no... Oxente! É o seu Teseu? Mas é ocêis que é os noivo?

Teseu: É a gente, Pedro. Estamos esperando o grande espetáculo!

Pedro-Pedreiro: Arriégua! Mas nós tamo mais importante que Lampião em dia de chacina. Então, vamo começá!

Teseu: Aê, pessoal! Isso é pra vocês não reclamarem que eu sou pão-duro. Hoje, todos aqui na Vila são meus convidados. Vamos chegando, moçada.

Todos os moradores da Vila, com roupas de festa, entraram aos poucos e já estão presentes.

Teseu: A noite vai continuar com uma grande peça de teatro. O nome é... *[Olha o papel]*.

Pedro-Pedreiro: "A trágica história do tangará e a cruel morte ..."

Jorge *[Grita da coxia]*: É Tamba-tajá, pô!

Pedro-Pedreiro: É o seguinte. Nós não queremos engambelá o povo aqui da Vila. Antes de começá o tiatro, vou avisá pras menina-moça e pras sinhora de mais idade que nossa peça tem umas cena meio forte, envolvendo nossos arco e nossas flecha. Pra não abalar os psicológico das madama, eu peço pra elas tampá o zoio.

Pedro-Pedreiro sai.

Hipólita: Por dieu! Eu vou tampar os olhos e os ouvidos. Antes ser cega e surda a assistir a esses homens rudes se violentando com arco e flecha.

Leandro: Se liga, dona Hipólita. Eles estão falando de outro tipo de arma...

Helena: Agora que eu fico com olhos bem abertos! Quero ver se isso aí é flecha ou dardo.

Demétrio: Sossega, Helena.

Entra Jorge, como pajé.

Jorge *[Como pajé]*: Filha, você sabe que não tarda a hora do seu casamento. Chegou o momento e eu preciso lhe entregar ao homem que terá a dádiva de sua companhia eterna, aquele que trará a bonança de plantar em seu ventre os herdeiros da nossa terra. Os deuses me mostraram quem é ele.

Tião-Garrafão *[Como índio, cantando]:* Mas, meu pai, o destino já entregou minha alma, antes do senhor, para o meu amado. Não me condene à infelicidade pelas mãos de outro homi. Eu lhe imploro.

Jorge *[Como pajé]:* Calma, filha. Os deuses me mostram que toda a natureza conspira para a união com seu amado. Pois que entre o índio mais forte e valente que o destino lhe reservou.

Pedro-Pedreiro, vestido de índio, aparece repentinamente.

Pedro-Pedreiro *[Como índio]:* A partir de hoje, nenhum bronqueiro, nenhuma catástrofe, peste ou maleita vai afastá nós dois.

Tião-Garrafão *[Como mulher índio, com nojo]* Oh, meu pai! Esse é o homi que eu sempre sonhei pra minha vida.

Jorge *[Como pajé]* : Fico feliz com sua felicidade, filha. Esta é a oca onde vocês viverão... *[De lado]* Qual é? Cadê a oca? *[Gritando]* Esta é a oca onde nascerão seus filhos.

Todo atrasado, entra Zé-Gari como oca, correndo.

Tião-Garrafão *[Como mulher índio]:* Vem cá, indião das minhas brenha. Eu vou ser fértil como a terra e povoá nossa família com um bando de filho.

Tião-Garrafão e Pedro-Pedreiro, nos papéis de mulher e homem índios, vão para trás da oca com cara de safados. A oca começa a tremer libidinosamente.

Jorge: O casal passou então a viver uma vida feliz na aldeia. *[Tosse para disfarçar e dá um empurrão nos dois. A oca para de tremer e eles saem de trás às gargalhadas].* Viviam em contato com a natureza, pescando, caçando e cuidando das atividades da tribo.

O casal faz mímicas enquanto Jorge narra a história.

Leandro: Deve ter sido uma guerra de foice atrás dessa oca.

Teseu: Que nada. É só dar uma dose de cachaça pra essa índia que ela amolece carne.

O casal de índios dorme.

Jorge: Certa noite, os dois índios adormeceram e, pela manhã...

Pedro-Pedreiro [*Como índio*]: Bom dia, meu chamego. Vamo buscá água pra lavá os dente?

Tião-Garrafão: Aguardente?

Jorge: Ô, Tião!

Tião-Garrafão [*Como mulher*]: Ahhhh! [*Forte grito*] oh, meu querido! Minhas perna não se mexe. Eu acho que to aleijada, lelé das perna.

Pedro-Pedreiro [*Gritando, como índio*]: Ai, meu padim Padi Ciço! Que desgraça assucedeu com a minha muié! Pra que que eu quero a bichinha sem as perna? Mas ói, eu te amo tanto, tanto, que vou te carregá nas costa.

Pedro-Pedreiro tenta suspender Tião-Garrafão com muita dificuldade.

Tião-Garrafão: Não é melhor eu te carregá?

Pedro-Pedreiro [*Sussurrando*]: Cê tá aleijado, ô.

Entra Mogno com uma cabeça de leão, fazendo-se de animal selvagem.

Tião-Garrafão [*Como mulher índio*]: Cuidado, meu querido! É o bicho selvage que a gente precisa caçar!

Pedro-Pedreiro [*Como índio*]: Totó! Sit! Junto! Finge de morto!

Mogno deita-se no chão, todo preguiçoso.

Pedro-Pedreiro [*Como índio*]: etcha, ferro! Conseguimo matá a fera. E essa carne vai matá a fome da aldeia todinha. Não é, meu amor? Meu amor?

Silêncio. Tião-Garrafão, como mulher índio, cai repentinamente das costas de Pedro-Pedreiro.

Pedro-Pedreiro [*Como índio*]: Ô, meu chamego, minha potira, minha curuminha, fala comigo.

Tião-Garrafão: Eu tô morta, pô.

Pedro-Pedreiro [*Como índio, chorando escandalosamente*]: Meu Deus! Volta, meu amor! Quem vai me dá os bacuri que cê me prometeu? Como que eu vou vivê neste mundo sem o meu amô? Cê tá levano um pedaço do meu coração pro vale das sombra. Eu prifiro morrê cocê.

Tão logo termina a frase, Pedro-Pedreiro, no papel de índio, cai ao lado da companheira. Os moradores da Vila continuam atentos, aguardando o desfecho da peça. Mogno e Jorge aparecem em cena com grandes folhas amarradas aos braços, simulando asas de anjos.

Jorge: E assim, com todo amor e toda dor do mundo em seu coração, o maior índio do Brasil cavou um buraco à beira do riacho, enterrou a sua amada e se enterrou ao lado do corpo dela. Seria impossível para ele viver sem a sua companheira de toda uma vida. Passaram-se muitas luas até, até...

Jorge dá um cutucão em Mogno, mostrando o casal deitado. O esquecido Mogno vai até eles e coloca uma grande folha de Tamba-tajá.

Jorge: Passaram-se muitas luas até o dia em que se viu – naquela mesma margem do riacho, no mesmo ponto em que foram enterrados – ali, bem ali, se viu nascer uma linda flor. Uma flor que se tornou o símbolo da paixão, com misteriosos poderes para despertar o amor verdadeiro: o Tamba-tajá.

Jorge e Mogno, com as asas de folhas, dançam e cantam com muita emoção:

“Tamba-tajá me faz feliz

Assim o índio carregou sua macuxi.

Para o roçado, para a guerra, para a morte

Assim carregue o nosso amor a boa sorte”¹⁷.

Terminam a encenação de forma solene. Ouvem-se aplausos esparsos e sem muita empolgação.

Hipólita: *Que chose terrible!*

Hérmia [*Chorando*]: Não sei se é porque eu casei hoje, mas foi a coisa mais linda que eu vi na minha vida.

Helena: Eu também adorei, amiga.

Teseu: Deu pra dar boas gargalhadas. Os caras têm futuro. Na próxima festa, vão apresentar um número de circo. São palhaços demais!

Demétrio: Quero ver o Tião fazendo a mulher barbada.

¹⁷ Canção “Tamba-tajá”, de Waldemar Henrique.

Tião-Garrafão, até então deitado, levanta a cabeça.

Tião-Garrafão: Larga a mão, guri, que eu lhe lasco a mão na cara. Vou te mostrar o baita...

Teseu [*Interrompendo*]: Mas vamos parar de conversa, meu povo. É melhor todo mundo se arrumar pra voltar pros barracos. Tá começando a ficar tarde e, vocês sabem, ainda temos uma lua de mel pela frente. Né, Branquinha?

Dita: Mas ó, seu Teseu! Aqui, na Vila de Vera Cruz, festa tem que acabar em samba.

Dita puxa um apoteótico cordão da alegria. Os atores mambembes se levantam e toda a Vila se reúne para o samba.

Todos:

Samba de Uma Noite de Verão¹⁸

A mulata trigueira
Que quebra cadeira
No samba da Vila

É a Oxum mais faceira
Que, na cachoeira,
Requebra o *ijexá*

E o caboclo decente
Que vai pro batente
E que nunca vacila

Traz no *ori* a semente
E o *axé* de um Deus
Que nasceu na África

Noite de verão dá samba
O sonho feliz

¹⁸ Canção autoral de Renato Forin Jr.

PARA OUVIR A
MÚSICA ACES-
SE O QR CODE



Do calor da mistura
De uma nação

Todo brasileiro é bamba
Transforma o país
Quando bate o pandeiro
e tange o violão

O malandro insolente
Faz da poesia
O maior estandarte

Adorna aquela língua
que, na travessia,
aportou de além-mar

O operário tão rude
Que ainda se ilude
Com a força da arte

O malandro insolente
Faz da poesia
O maior estandarte

Adorna aquela língua
que, na travessia,
aportou de além-mar

O operário tão rude
Que ainda se ilude
Com a força da arte



Lembra o índio cativo
Que esquece o motivo
Pra ainda cantar

Noite de verão dá samba
O sonho feliz
Do calor da mistura
De uma nação
Todo brasileiro é bamba
Transforma o país
Quando bate o pandeiro
e tange o violão



E, assim, quase sem perceberem, o samba embalou uma madrugada inteira da Vila de Vera Cruz. Os noivos Hipólita e Teseu aproveitaram a alegria e a distração dos foliões para saírem de fininho tão logo o atabaque começou. A Lua, tímida no começo, esteve alta e, ao final da festa, já começava a desbotar seu brilho ao pressentir os lampejos da aurora. Faz-se um instante de silêncio. Logo, ele, o silêncio, é entrecortado por passos de um bom sapato. Tamanco de malandro, por certo, não é. Não há cadência, o ritmo é duro, martelado. Aparece, na mais alta laje da Vila, o ricaço Teseu, dono de todos os barracos ali, de braços dados com Hipólita.

Teseu: Aê, pessoal! Vamos parar de vadiagem? Hoje é dia de trabalho, meu povo.

Tião-Garrafão: Que mané dia de trabalho? Hoje? Hoje é dia de São Vicente!

Tião, bêbado, cai. Todos os moradores riem. O burburinho, aos poucos, dissipa-se. Eles vão transformando-se em sombras. Silenciosas sombras em movimento.

Cai o pano.

NOTAS:

1 Canção autoral de Renato Forin Jr.

2 Canção autoral de Renato Forin Jr.

3 Adaptação da canção *Quatro crioulos*, de autoria de Elton Medeiros e Joacyr Santana. Natural do Rio de Janeiro, Elton Medeiros (nascido em 1930) foi compositor, cantor, produtor e radialista. Começou a criar sambas muito cedo, por volta dos 8 anos de idade, com o irmão e os colegas da vizinhança, com os quais dividia um bloco. Na década de 1960, integrou os grupos “A Voz do Morro” e “Os Cinco Crioulos”. Compôs nessa época, além de *Quatro Crioulos*, gravado por Nara Leão no disco “Nara Pede Passagem” (1966), outros sambas que deixaram o seu nome marcado para sempre na história da música brasileira. É o caso de *O Sol Nascerá* (em parceria com Cartola) e *Rosa de Ouro* (em parceria com Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho).

4 Canção *Rapaz Folgado*, de autoria de Noel Rosa (1910–1937). Considerado um dos maiores compositores de samba do Brasil, Noel Rosa era chamado “Poeta da Vila”, em referência ao bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, onde nasceu e viveu. Aos 13 anos, começou a tocar bandolim de ouvido e violão, que aprendeu com o pai e amigos. Após uma passagem pelo curso de Medicina, dedicou-se definitivamente ao samba, compondo canções imortais como *Com Que Roupa?*, seu primeiro sucesso, em 1930, *Fita Amarela* e *Último Desejo*. Esta, aliás, é uma das muitas letras inspiradas por Ceci, bailarina de 16 anos que foi sua paixão e musa. Em 1933, iniciou a famosa briga criativa com Wilson Batista, autor de *Lenço no Pescoço*, canção que enaltecia o estereótipo do sambista malandro, de tamanco e navalha. Noel achou a letra de Batista ofensiva e respondeu compondo *Rapaz Folgado*, em que

sugere: “deixa de arrastar o seu tamanco” e “joga fora essa navalha que te atrapalha”. A polêmica entre os dois se estendeu até 1935, com muitas réplicas e tréplicas, motes e glosas. No mesmo ano, os dois sambistas fazem uma parceria na canção *Deixa de Ser Convencida* e acabam com a polêmica. Noel morreu acometido pela tuberculose, em 1937. Reza a lenda que, no exato momento em que deixou a vida, na mesma casa em que nasceu na Vila Isabel, acontecia uma festa de aniversário no quintal de uma vizinha. Os ecos que se podiam ouvir dos festejos eram justamente sambas de Noel – estes, sim, imortais.

5 Canção *As Pastorinhas*, de Noel Rosa (1910–1937) [*Sobre Noel Rosa, ver nota 4*] e João de Barro (1907–2006). João de Barro é o pseudônimo de Carlos Alberto Ferreira Braga, Braguinha para os íntimos. Compositor, autor, cantor, roteirista e produtor, é considerado um dos artistas mais profícuos da música popular, assinando mais de 400 títulos, entre peças autorais, versões e composições musicais para histórias infantis. Surpreende também o vasto leque de canções de sucesso, como *Balancê* (com Alberto Ribeiro), *Chiquita Bacana*, *Cantoras do Rádio* (com Lamartine Babo) e *Carinhoso* (letra para partitura de Pixinguinha criada 20 anos antes). Em 1929, Braguinha conhece Noel Rosa, que passa a integrar o grupo *Bando de Tangarás*, do qual era fundador. A marcha *As Pastorinhas*, de 1938, é versão modificada de *Linda Pequena*, parceria com Noel Rosa criada anos antes. A canção ficou em primeiro lugar no concurso carnavalesco de 1938, após substituir na disputa outra marcha do próprio Braguinha, *Touradas em Madrid* (parceria com Alberto Ribeiro). Esta foi desclassificada por pertencer ao gênero estrangeiro *paso doble*, o que não era permitido no concurso. *As Pastorinhas*, assim, vence a folia daquele ano e permanece na memória de muitos outros carnavais.

6 Canção “Aviso aos Navegantes”, de Baden Powell (1937–2000) e Paulo César Pinheiro (nascido em 1949). Baden Powell foi compositor e exímio violonista nascido na Zona Norte do Rio de Janeiro. Brincava com o violino do pai e, aos 13 anos, já tocava violão em

bailes do subúrbio carioca. Aos poucos, chegou às boates da Zona Sul e conheceu, em 1959, Vinicius de Moraes. O poeta foi seu parceiro em grandes sucessos, como *Samba em Prelúdio*, *Formosa*, e no conjunto dos afrossambas, inspirados nos toques e nos cantos dos terreiros de Candomblé. *Berimbau* (1964), *Samba da Bênção* (1966) e *Canto de Ossanha* (1966) são alguns exemplos destas canções. No final dos anos 1990, converteu-se ao Centro Evangélico Unido e passou a não mais executar muitos desses sambas de inspiração africana. Recebeu o Prêmio Shell pelo conjunto da obra, em 1995. Já o poeta e letrista Paulo César Pinheiro recebeu o mesmo Prêmio Shell em 2013. Iniciou sua parceria com Baden Powell muito antes, em 1965, produzindo uma safra de canções históricas da música popular, dentre as quais está *Aviso aos Navegantes*, gravada por Elis Regina. Os compositores criaram, em 1968, *Lapinha*, classificada em primeiro lugar na I Bienal do Samba, naquele ano. Pinheiro assinou roteiros de shows de Powell e se apresentou ao lado dele em Paris, em 1970.

7 Canção *Cantando no Toró*, de autoria de Chico Buarque. Ao longo de décadas de produção, o compositor, cantor e escritor Chico Buarque conquistou respeito e admiração raros do público e da crítica, em razão da qualidade contínua de sua obra em diferentes vertentes. Nascido no Rio de Janeiro, em 1944, muito cedo Buarque e família partem para São Paulo e, posteriormente, para a Itália, onde ficam dois anos em razão das atividades de professor do pai. De família musical, aprendeu a tocar violão de ouvido. Influenciado pela Bossa Nova, tentava imitar João Gilberto, ao passo que tinha largo conhecimento das canções tradicionais tocadas no rádio, como as de Noel Rosa, Ataulfo Alves e Ismael Silva. Em meados da década de 1960, começou a participar de festivais e apresentou-se no programa "O Fino da Bossa" (TV Record), conduzido por Elis Regina. Em 1965, musicou poemas de João Cabral de Melo Neto para a peça *Morte e Vida Severina*. No ano seguinte, gravou seu primeiro LP e recebeu o primeiro lugar no II Festival da Música Popular Brasileira com *A Banda*. Durante

a ditadura militar, foi perseguido e teve muitas de suas canções censuradas, dentre elas, *Apesar de Você*. Para burlar a censura, lançou obras sob o pseudônimo fictício de Julinho de Adelaide, como *Acorda Amor*. Os versos de Buarque acompanharam a história política do país. *Pelas Tabelas* e *Vai Passar* tornaram-se hinos do movimento Diretas Já. A canção *Cantando no Toró*, citada aqui, integra um dos seus discos mais introspectivos, o LP *Francisco*, de 1987. Chico Buarque também tem importante participação na cena teatral, assinando as peças *Roda Viva*, *Calabar* (com Ruy Guerra), *Gota D'água* (com Paulo Pontes) e *Ópera do Malandro*. Entre suas criações literárias estão *Fazenda Modelo*, *Estorvo*, *Budapeste*, *Leite Derramado* e *O Irmão Alemão*. Seu livro mais recente, *Bambino a Roma*, foi publicado em 2024.

8 Canção *Eu Bebo Sim*, de autoria de Luís Antônio (1921–1996) e João do Violão. O compositor Luís Antônio (Antônio de Pádua Vieira da Costa) tem como marca autoral a irreverência das letras e a discussão de problemas sociais do subúrbio carioca. Em 1948, lançou sua primeira canção na voz de Dick Farney, o samba *Somos Dois*. O sucesso foi tão grande que a canção tornou-se roteiro de filme estrelado pelo próprio cantor. Compôs ainda a marcha *Sassaricando* (com Jota Júnior e Oldemar Magalhães), interpretada pela vedete Virgínia Lane no espetáculo de revista *Eu Quero Sassaricar*, de Valter Pinto. Em 1953, obteve êxito com *Zé Marmita*, samba sobre o drama dos operários pendurados nas portas dos trens da Central do Brasil. Seu parceiro mais constante de composição foi Djalma Ferreira. Os versos de Luís Antônio foram interpretados por grandes nomes como Marlene, Lana Bittencourt, Elza Soares, Elizeth Cardoso e Maysa. A partir de fins dos anos 1950, começou a criar canções dentro de um estilo que a crítica chamou de “sambalanço” e, nas décadas seguintes, passou a compor cada vez menos. Em 1973, Elizeth Cardoso lançou o samba *Eu Bebo Sim*.

9 Canção *Acalanto*, de autoria de Dorival Caymmi (1914–2008). Chamado de “Buda nagô” por Gilberto Gil, o compositor, cantor

e violonista Dorival Caymmi é um dos astros maiores em torno do qual orbitam as influências da música popular brasileira. Sua obra concisa revela minúcia e qualidade na elaboração de letra e melodia. Assim, ainda que tenha deixado poucas canções, todas são conhecidas em alguma medida. Nascido em Salvador, Caymmi teve muito cedo aulas de violão com o pai e com um tio. Em 1935, começou a participar dos primeiros programas de rádio na Bahia, mas dois anos depois se mudou definitivamente para o Rio de Janeiro. Em terras cariocas, estreou na Rádio Tupi interpretando o samba *O Que é Que a Baiana Tem*, futuro sucesso de Carmem Miranda. Passou por várias outras rádios, como a Transmissora, a Nacional e a Mayrink Veiga. Casou-se com a cantora Stella Maris e teve com ela três filhos, que se tornariam também celebridades da música: Nana, Dori e Danilo Caymmi. Foi somente em 1954 que lançou o seu primeiro LP, gravando canções já conhecidas como *O Mar, É Doce Morrer no Mar* e *A Jangada Voltou Só*, além de inéditas, como *O Bem do Mar*. Representou a música brasileira várias vezes no exterior, desde 1957, com destaque para o espetáculo *Bahia de Todos os Santos* realizado com outros artistas em Roma, em 1983. No mesmo ano, recebeu o Prêmio Shell de música. Gravou com diversos parceiros, como Vinicius de Moraes e Tom Jobim, e foi gravado por incontáveis intérpretes da canção popular, reafirmando em seu sotaque musical a dimensão universal da influência baiana.

10 Canção autoral de Renato Forin Jr.

11 Canção *Soneto*, de Chico Buarque. [Ver nota 7]

12 Canção *Vendedor de Bananas*, de Jorge Benjor (nascido em 1942). Jorge Ben, como era chamado na primeira fase de sua carreira, é compositor, cantor e violonista que lançou grandes e inesquecíveis sucessos dançantes. Começou a trabalhar profissionalmente com música em 1961, quando tocava pandeiro no grupo do organista Zé Maria, no Beco das Garrafas, na cidade do Rio de Janeiro. Logo se tornou *crooner* de suas próprias músicas,

lançando sucessos como *Mas Que Nada* e *Por Causa de Você, Menina*. Sua canção de maior reverberação na época foi *Chove Chuva*, cujo LP vendeu 100 mil cópias. Construiu paralelamente à carreira no Brasil uma trajetória relevante no exterior. Em 1972, venceu o VII Festival Internacional da Canção com *Fio Maravilha*. Por questões de direito autoral, mudou o nome para Jorge Benjor em 1989. Suas canções foram interpretadas por grandes vozes, como Ney Matogrosso, Elis Regina, Tim Maia, Os Mutantes, Marisa Monte, dentre outros.

13 Canção *Canto de Ossanha*, de Vinicius de Moraes (1913–1980) e Baden Powell (1937–2000) [Ver nota 6 sobre Baden Powell]. Vinicius de Moraes foi poeta, diplomata, compositor e cantor que teve fundamental importância na conjugação da literatura com a canção e o teatro no Brasil. Nasceu no Rio de Janeiro, em uma família de músicos amadores: o pai tocava violão; a mãe, piano. Suas primeiras composições datam ainda de 1920, com os irmãos Paulo e Haroldo Tapajós. Ingressou no Itamaraty em 1946, quando assumiu posto diplomático em Los Angeles e, em seguida, na cidade de Paris. Em 1956, retornou ao Brasil e montou a emblemática peça *Orfeu da Conceição*, com a adaptação do mito grego de Orfeu em uma favela carioca, com elenco todo formado por pessoas pretas. A música do espetáculo era do jovem então desconhecido Antonio Carlos Jobim, o *Tom Jobim*, que se tornaria um dos seus maiores parceiros de composição. A peça foi adaptada ao cinema por Marcel Camus, com o título *Orfeu Negro*. Dentre as parcerias com Tom Jobim, estão *Eu Não Existo Sem Você*, *A Felicidade*, *Se Todos Fossem Iguais a Você* e *Garota de Ipanema*, uma das músicas mais executadas do mundo. São da parceria de ambos as faixas do disco *Canção do Amor Demais*, de Elizeth Cardoso, considerado o álbum inaugural da Bossa Nova. Em 1961, conheceu Carlos Lyra, outro parceiro frequente em canções como *Coisa Mais Linda* e *Primeira Namorada*. Essa foi também a época em que realizou muitos trabalhos com Baden Powell, inclusive a série dos *afrossambas*, dos quais fazem parte

Canto de Ossanha. Em 1965, participou do I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, no qual conquistou primeiro e segundo lugar, respectivamente, com as canções *Arrastão* (com Edu Lobo) e *Valsa do Amor Que Não Vem* (com Baden Powell). Foi demitido do Itamaraty por decisão do governo militar em 1968 e, na sequência, iniciou a série de composições e de shows ao lado de Toquinho, parceria que duraria até o fim de sua vida. Dentre os frutos da união, estão as famosas *Tarde em Itapuã* e *Regra Três*. Paralelamente ao ofício na música, manteve profícua produção literária, exercitando desde formas poéticas tradicionais, como o soneto, até as mais livres.

14 Canção *Pra Que Discutir com Madame?*, de Haroldo Barbosa (1915–1979) e Janet de Almeida (1919–1945). Haroldo Barbosa foi compositor, radialista e humorista no Rio de Janeiro. Ainda estudante, tocava cavaquinho em Vila Isabel. Iniciou a carreira no rádio como contrarregista e, a partir de então, passou por várias funções como discotecário, locutor, roteirista e diretor de programas. Também passou por várias emissoras, como Rádio Sociedade, Transmissora, Nacional e Mayrink Veiga. Em 1943, Isaura Garcia gravou *De Conversa em Conversa* (de Barbosa com Lucio Alves) e obteve grande sucesso. No ano de 1945, iniciou a carreira de letrista ao criar versões de canções internacionais para serem interpretadas em primeira mão por Francisco Alves no programa *A Canção Romântica*, da Rádio Nacional. Com humor característico, compôs pérolas satíricas como a marcha carnavalesca *Barnabé*, gravada por Emilinha Borba – um deboche aos vícios do funcionalismo público. Haroldo Barbosa trabalhou com diversos parceiros na composição, como é o caso de Geraldo Jacques (*Tintim por Tintim*), Fafá Lemos (*É o Amore*) e Luís Reis (*Canção da Manhã Feliz e Nossos Momentos*). O samba *Pra Que Discutir com Madame?* ficou muito conhecido a partir dos arranjos de João Gilberto. Trata-se de uma parceria de Haroldo Barbosa com o cantor e compositor Janet de Almeida, que faleceu precocemente, aos 25 anos, logo após gravar o seu primeiro disco. O

álbum trazia no repertório justamente a canção sobre a mulher preconceituosa que despreza a cultura do samba.

15 Canção *Tamba-tajá*, de Waldemar Henrique (1905–1995). A obra do compositor Waldemar Henrique situa-se entre o clássico e o popular, transmitindo com apurada beleza o universo dos mitos amazônicos e índios. Nascido em Belém do Pará, ingressou em 1929 no Conservatório Carlos Gomes. Dominava o piano e, posteriormente, apurou seus conhecimentos em violino, violão e canto. Mudou-se no início dos anos 1930 para o Rio de Janeiro, onde teve contato com Noel Rosa, Sílvio Caldas, João de Barros, Francisco Alves, dentre outros. Apresentou a canção *Tamba-tajá* em 1934, mas ela só foi gravada por Antonieta Fleury de Barros em 1949. A exemplo de *Tamba-tajá*, várias outras composições adentravam o universo cultural do norte do Brasil, como a toada *Foi Boto, Sinhá!*, o batuque *Tem Pena da Nega* e *Curupira*, gravado por Inezita Barroso em 1951. Com Ascenso Ferreira, compôs o clássico *Trem de Alagoas*. Waldemar Henrique viajou por várias regiões do Brasil sempre com apurado ouvido para a música tradicional das culturas regionais. A pesquisa com as raízes musicais brasileiras foi incentivada por Heitor Villa-Lobos, com quem trabalhou durante um período. Em 1965, regressou ao Pará e passou a dirigir o Teatro da Paz, de Belém. No fim daquela década, Maria Lúcia Godoy gravou o LP *O Canto da Amazônia*, cujo lado A era inteiramente dedicado às lendas índios em versões escritas por Waldemar. A projeção nacional da canção *Tamba-tajá* aconteceu em 1978 pela regravação antológica feita por Fafá de Belém, sua conterrânea.

16 Canção autoral de Renato Forin Jr.

PARA OUVIR A
MÚSICA ACES-
SE O QR CODE



Referências das Notas

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/>. Acesso em: set. 2016.

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado da Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.

KFOURI, Maria Luiza. *Discos do Brasil*. Disponível em: <http://www.discosdobrasil.com.br/>. Acesso em: set. 2016.

POSFÁCIO

TEM SAMBA NO PÉ? TEM SAMBA NO PALCO!

*Sonia Pascolati*¹⁹

*Maria Carolina de Godoy*²⁰

Residindo havia pouco tempo em Londrina, eu ainda explorava os espaços teatrais da cidade quando recebi o convite para assistir a um espetáculo de formatura da Escola Municipal de Teatro. E em outubro de 2009, lá estava eu, Sonia, sob a lona do Circo Funcart, apreciando a magreza expressiva de um jovem sobre pernas de pau que me transportava para outros tempos e espaços, uns oníricos, outros nem tanto, num espetáculo que traduzia a apoteose cultural tipicamente brasileira. Mesmo que eu ainda não me desse conta, era meu primeiro encontro com a multiplicidade de Renato Forin Jr., naquele momento, ator-dramaturgo-compositor. Depois viriam o jornalista, o pesquisador e o amigo.

Os primeiros contatos com Renato Forin aconteceram por intermédio da Sonia, quando eu, Maria Carolina, cheguei a Londrina em 2012, e passei a ser colaboradora no projeto coordenado pela docente na UEL. O encontro com o ator-dramaturgo-poeta Renato ocorreu ao assistir à peça *Ovo*. Fiquei em êxtase e assisti a outras duas apresentações para ter de

¹⁹ Sonia Pascolati é docente dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da UEL. Pesquisadora na área de dramaturgia e teatro. Contato: sopasco@hotmail.com.

²⁰ Maria Carolina de Godoy é docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEL. Pesquisadora na área de literatura afro-brasileira (CNPq/FA) e pesquisadora associada do PACC/UFRJ. Contato: mcdegodoy@uol.com.br.

novo a sensação da primeira vez, o que realmente aconteceu. Tornei-me admiradora de seu trabalho.

Entrar em contato com a peça *Samba de uma noite de verão* significa caminhar pelos espaços ficcionais da Vila de Vera Cruz, cruzar o bosque dos *orixás* e presenciar o encontro entre a literatura canônica e a popular. Do primeiro ao quinto ato, entrelaçam-se temas como o amor, os conflitos advindos desse sentimento, o cotidiano da população na periferia, a exploração desse grupo pelos detentores do poder econômico, a religiosidade de matriz africana, os saberes da cultura índio e o fazer teatral.

Nas falas das personagens, há marcas dos dizeres brasileiros, entoados por essas canções significativas tanto para o enredo, quanto para o registro da história deste país disposto em fragmentos. Como retalhos resultantes de culturas diversas, que se juntam para dar origem a um território multifacetado, elementos étnico-culturais compõem a peça e permitem vislumbrar traços da identidade brasileira. Cada cena leva o leitor a ter contato com diálogos leves, que ora provocam o riso, ora aguçam curiosidade para buscarmos as referências a outros textos literários, mitos africanos, lendas índios e canções ali enunciadas.

Samba de uma noite de verão apresenta-se como “Peça musical em 5 atos”, remetendo ao que há de mais clássico na composição dramática: os cinco atos. Mas tal como Shakespeare, um clássico absolutamente moderno, esse samba de Renato Forin Jr. interessa-se por uma relação antropofágica com a tradição, alimentando-se do que lhe convém e como lhe convém: a potência onírica dos sonhos de verão do bardo inglês; as raízes étnico-raciais da formação cultural brasileira; a criatividade cênico-dramática de formas ainda pouco valorizadas em nossa história teatral, como o musical.

É dado corrente a apropriação, por Shakespeare, de mitos, personalidades históricas, textos orais e escritos de seus contemporâneos, enfim, de todo um caldo cultural de sua época que ele arditamente compõe em algo novo e próprio. O processo de criação desse autor paranaense parece ser o mesmo: ir às fontes e trazê-las até o leitor/espectador hodierno. E por esse

caminho, ele alinha-se também com as melhores produções do teatro político nacional, tal como Dias Gomes (1996) e sua retomada da mitologia cristã ao colocar um Zé-do-Burro à imagem e semelhança de Jesus em seu calvário, em plena praça da Salvador da década de 1960 ou Chico Buarque e Paulo Pontes (1975) ao trazerem Medeia da Cólquida para uma favela carioca, referência que nos soa explícita logo na primeira rubrica – “É madrugada na Vila de Vera Cruz, cortiço humilde encravado no coração da grande cidade” – e se completa com a presença de Egeu em ambas as peças. Também ecoa no texto teatral o labor das lavadeiras e o suor dos operários da pedreira de O Cortiço de Aluísio Azevedo (1995) e repete-se a mesma exploração do mais forte sobre o mais fraco: tal como João Romão e Bertoleza, Teseu quer que “algum artista local” se apresente para festejar seu casamento, mas deve ser “Uma apresentação gratuita, claro, porque não tô podendo torrar dinheiro com vagabundo” (FORIN JR., 2016, p. 12). E se dissessem que se trata de fala de algum Ministro da Cultura de 2016, seria fácil acreditar.

E assim esse nosso *Samba*, tão propício ao nosso verão, vai, da mitologia e do intertexto shakespeariano, trazer Teseu e Hipólita, e à África buscar Mãe-Menina, e à mais autêntica tradição da malandragem literária, devidamente sondada por Antonio Cândido (1988), alinha seu Tião-Garrafão. À reescrita da peça de Shakespeare, juntam-se narrativas míticas, ao som de Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Noel Rosa, entre outros representantes da música popular brasileira. As canções – das quais muitas são compostas especialmente para a peça pelo próprio dramaturgo – inserem-se na tradição do musical, com matizes políticos, afinal, todo esse *Samba* está de sapato branco, tentando atravessar a lama (FORIN JR., 2016, p. 22).

A mistura de tons praticada à larga por Shakespeare, fonte para Victor Hugo (2007) defender a fusão do grotesco e do sublime no contexto romântico, também é assimilada pelo drama irreverente aqui apresentado, especialmente ao colocar um bêbado incorrigível no papel de uma mulher índio apaixonada – recurso que, aliás, aproveita para nos lembrar do tempo em que o palco era interdito às mulheres, como acontecia na Inglaterra elisabetana. A tradição *clownesca*, com raízes na *Commedia dell'arte*, é fonte para Shakespeare e continua pro-

ficua sob a pena de Renato na personagem Aroni, responsável pelas confusões e os desencontros amorosos da peça. Nesse interregno, há toda a tradição cômica nacional, traduzida especialmente pela comédia de costumes de um Martins Pena e a revista de ano de Arthur Azevedo, formas nas quais a figura do bobo que mete os pés pelas mãos opera como uma espécie de dramaturgo que age sobre as demais personagens. Nem mesmo um defensor da alta comédia como José de Alencar (2003) escapou desse expediente, como vemos em *O demônio familiar*, cuja ação dramática é claramente conduzida pelo escravo, moleque de recados, Pedro.

É também shakespeariana a farta transição de espaços – da Vila para o bosque, do “real” para a floresta habitada por deidades africanas – e o alargamento da unidade de tempo, afinal, Shakespeare é um clássico a seu próprio modo, bem distante do classicismo francês do século XVII.

O recurso ao metateatro contribui para a multiplicidade de espaços e intrigas, pois se entrecruzam três diferentes fios a compor a ação dramática: o amor desencontrado entre Hércia/Demétrio-Helena/Leandro e os preparativos para o casamento entre Teseu e Hipólita na Vila de Vera Cruz; a montagem do espetáculo teatral – “uma lenda índio que contam lá no norte. A história de dois nativos super apaixonados que vivem juntinhos, no mó xamego natureba. Até o dia em que a mulher índio acorda sem poder andar” (FORIN JR, 2016, p. 24) – por Seu Jorge; e os conflitos divinos mais que humanos de Oxum e Ossaim. Todas essas situações dramáticas são orquestradas de modo a construir um espelhamento dramático, numa multiplicidade caleidoscópica. E bem ao gosto da dramaturgia contemporânea, mas numa remissão às discussões pirandellianas sobre o estatuto da personagem no teatro, Aroni dispara “Vesti o operário de índio, como bom selvagem que ele é – na peça e na vida” (FORIN JR., 2016, p.59). Isso mesmo: representamos papéis nas peças da vida. Vejamos a *mise en abyme* que se projeta especificamente na construção da personagem Pedro-Pedreiro, referência à canção de Chico Buarque do álbum *Chico Buarque de Hollanda (1965)*. Esse operário-pedra-obreiro, repleto de esperas – esperanças eivadas de carências, é um trabalhador da Vila (papel 1), que, no plano do espetáculo orquestrado por Jorge representa um

índio (papel 2), mas aos olhos de Oxum é o perfeito objeto de amor (papel 3). E, claro, tudo isso representado pelo mesmo ator, pois estamos no teatro. Por último, para não tirar do leitor o prazer de percorrer as incursões metateatrais por si mesmo, Helena, inconformada com mudanças tão radicais de sentimento em razão do quiproquó armado por Aroni, reconhece que esses fingimentos afetivos só podem ser mesmo efeitos teatrais: “O atorzinho barato foi tão fundo no teatro que nem lembra mais quem é” (FORIN JR., 2016, p. 65).

O hibridismo entre gêneros literários revela a sintonia dessa dramaturgia com uma das tendências contemporâneas: o entrelaçar do dramático com o lírico e a ocorrência de atravessamentos do épico.

O épico cruza o dramático pela narração da lenda índio que explica a origem do Tamba-tajá, contada tanto por Jorge aos “atores” quanto por Ossaim a Aroni. Ao contar a Aroni a lenda dos índios macuxis, que será encenada pelos moradores da Vila, o senhor das folhas Ossaim fundamenta, pela palavra mítica, a origem do feitiço do amor colhido da flor Tamba-tajá. Ao som de canções – Dorival Caymmi, *Acalanto*, *Soneto* de Chico Buarque e a de Renato Forin, *Retrato d’Oxum*, em homenagem à deusa do amor –, lenda índio e mito de matriz africana fundem-se na linguagem poética, dando ritmo aos acontecimentos da peça e às metáforas de formação do Brasil. O épico atinge seu ápice quando entra em sintonia com a melhor tradição de contação de causos na cena em que, para embalar o sono de Oxum, as *ayabás* tornam-se porta-vozes de mitologias africanas. Aliás, o resgate e a perpetuação da ancestralidade se faz, na cultura africana, pela oralidade, antídoto contra o esquecimento, contra o apagamento da identidade. E como em todo ritual de contação de história, o contador exige a atenção de seu ouvinte: “E você, menino, fique quietinho pra escutar a história.” (FORIN JR., 2016, p. 40). As divindades africanas são forças da natureza agindo sobre os anseios humanos na história contada, mas também correspondem, discursivamente, à representação da riqueza cultural das narrativas míticas que fazem parte da formação da identidade brasileira. A personagem de Mãe-Menina, presente no primeiro e no quinto atos, delinea significativamente esse híbrido de mito e religiosidade: “Ouça o que eu digo: nós não

somos donos de nada, nem do próprio *ori*. É preciso se render à nossa parte desconhecida, porque é ela que guia a gente nesse mundo.” (FORIN JR., 2016, p. 80).

O lírico reside especialmente no plano da linguagem e revela o poeta por trás do dramaturgo, como na bela criação da imagem da tristeza de Hérnia, “uma flor regada de lágrimas” (FORIN JR., 2016, p. 16), imediatamente desconstruída pela pujante alegria do samba, capaz de transformar a nossa vida e matar de rir a tristeza, em outra bela imagem enunciada por Leandro. Os descompassos amorosos, base dramática da peça, também encontram metáfora no campo do samba, do carnaval, essa festa libertadora e transgressora. É em plena avenida que o mestre-sala abandona a porta-bandeira para ensaiar outros passos, entrar noutro compasso, o da passista: “Os teus olhos infantis seguiam os meus rodopios, o teu sorriso iluminava a minha passagem. Larguei a porta-bandeira segurando o mastro pra seguir a passista da minha vida” (FORIN JR., 2016, p. 18). E em novo espelhamento, o lírico retorna à cena no segundo ato, quando se coloca diante dos olhos do leitor/espectador o par Ossaim-Oxum, aproximando a realidade da Vila, tão concreta para tantos brasileiros, da realidade onírica das entidades africanas. Agora o descompasso abandona o campo musical para afetar os ciclos da natureza, para nos levar ao nosso mais íntimo e ancestral: “Os ciclos da floresta giram ao contrário. Meus rios transbordam raivosos. Nem a Lua é guia das marés. Folhas secam em pleno verão e as árvores não parem os frutos no tempo certo” (FORIN JR., 2016, p.32). Não são lindas as metáforas das potências naturais que, estejamos nós conscientes ou não, agem sobre nós, fazendo-nos rios raivosos e transbordantes? É necessário, ainda, registrar o lirismo da bela canção *Retrato d’Oxum*, dessa vez, ultrapassando o limite da criação de imagens por meio de metáforas e atingindo a essência do estilo lírico, segundo Staiger (1975), pois apresenta um sujeito que fala de si ao construir a imagem do outro, num perfeito enlace amoroso: “É seu rio que me mostra o destino / desse oculto mistério do ser / já não sei se é você que me habita / ou se eu moro em você” (FORIN JR., 2016, p. 42). Esse “eu”, sujeito lírico, desvela-se ao leitor/espectador ao revelar sua “disposição anímica” e aproxima seu dizer

do sentir do interlocutor, afinal, “[...] o leitor da poesia lírica não se coloca à [sic] distância” (STAIGER, 1975, p. 51).

A ousadia do dramaturgo atinge o clímax quando permite que o pesquisador emerja nas linhas do texto. E como impedir essa emergência quando se dialoga com um enredo no qual há um diretor de teatro preparando um espetáculo? Nada mais contemporâneo do que pôr em cena a criação da própria cena. E pensar sobre as soluções exigidas por ela, como na provocação de Pedro-Pedreiro, dirigindo-se a Jorge: “O senhor sabe que os índio anda pelado, né? Eu tô encafifado com isso. Nós vamo ter que arrancar a roupa, Seu Jorge?”. E numa tirada que deixa entrever uma pitada de ironia, assim replica o diretor: “Uau! Ideia manera. Super pós-dramática essa parada do nu. No máximo, a gente pode pegar umas folhas aqui do bosque mesmo pra tapar as partes mais críticas.” (FORIN JR., 2016, p. 50). Também não se pode deixar de notar o sarcasmo aos tempos de (hiper) valorização da cena em detrimento do texto em outra tirada de Jorge, essa bem em sintonia com o dizer – ou com a interpretação de seu dizer – de Hans Thies-Lehmann (2007): “Ei, Mané! Eu mando nessa peça.” (FORIN JR., 2016, p. 51). Não dá para ignorar a existência de um dramaturgo como arquiênunciador (MAINGUENAU, 1996) desse dizer...

Por outro lado, o dramaturgo está com ambos os olhos no palco – que, não esqueçamos, ele próprio ocupa quando da estreia da peça, em outubro de 2009. O leitor da peça poderá conferir por si mesmo, mas é bom destacar pelo menos um momento (ato 3, cena 1), quando Mogno se retira para ocupar sua marcação atrás de um arbusto e a rubrica registra que “*Mogno sai len-ta-men-te*” (FORIN JR., 2016, p.52), absorvendo na própria grafia do advérbio o movimento do corpo do ator ou, na sequência, quando Aroni observa e comenta o ensaio em processo e, para mostrar a simultaneidade das ações, a rubrica indica que “[...] *Jorge e Tião simulam o diálogo com mímicas*” (FORIN JR., 2016, p. 53), um modo de mostrar a continuidade da cena pelo gesto e não por signos sonoros/verbais.

Trata-se de um texto dramático riquíssimo, fabricado no coser-descoser (SARRAZAC, 2002) de inúmeros recursos textuais, com destaque para textos dramáticos, canções, mitos índios e africanos.

Portanto, não importa a densidade de uma apresentação acadêmica, ela sempre estará aquém do texto literário, como o leitor acaba de comprovar ao saborear estes diálogos.

Referências do Posfácio

ALENCAR, José de. *O demônio familiar*. Pará de Minas, MG: Virtual Books Online M&M Editores Ltda. Disponível em www.virtual-books.com.br.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço/Casa de pensão*. São Paulo: Scipione, 1995.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d'água*. 4ª Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º. e 2º. graus*. Coletânea de textos. São Paulo: SE/CENP, 1998. 3 v. pp. 74-93.

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. 33ª Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. Prefácio de Cromwell. Tradução e notas de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEHMANN, Hans-Thies. *O teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MAINGUENAU, Dominique. Duplicidade do diálogo teatral. In: *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 159-180.

SARRAZAC, Jean-Pierre. *O futuro do drama: escritas dramáticas contemporâneas*. Trad. de Alexandra Moreira da Silva. Porto: Campo das Letras, 2002.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SOBRE O AUTOR

Renato Forin Jr. é escritor, jornalista, diretor de teatro e professor de literatura. Nascido em Ibiporã (PR), titulou-se mestre e doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e realizou doutorado sanduíche no *Institut d'Études Théâtrales*, da *Université Sorbonne Nouvelle*, Paris (França). É licenciado em Letras e bacharel em Comunicação Social. Em 2016, publicou o livro-CD *Samba de uma noite de verão*, contemplado no 59º Prêmio Jabuti (2017) e no Prêmio Outras Palavras (2020). No ano de 2019, traduziu a obra *Homens que caem*, da francesa Marion Aubert, convidada internacional da FLIP, em 2023. A publicação integra o projeto *A nova dramaturgia francesa e brasileira*, que lançará na França, em breve, a tradução de sua peça *OVO*. No Brasil, *OVO* recebeu primeiro lugar nos Prêmios Literários do Pará e foi publicada em Belém. Em 2022, lançou a peça *Carne viva*, a primeira no Brasil a tomar como referência a obra do escritor austro-húngaro Ödon von Horváth. Renato elaborou dramaturgias a convite de companhias longevas como Boca de Baco (*Olhos nos olhos*, estreia em 2022) e Ballet de Londrina, grupo oficial da cidade (com *Travessia*, de 2019). Assina curadoria e coordenação de comunicação do Festival de Dança de Londrina, evento internacional com 20 anos, que trabalha na cena expandida, e também é curador do *Bibliocircuito*, evento multiartístico na Biblioteca Pública de Londrina.

ACESSE O QR CODE PARA LER O GLOSSÁRIO.



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA FIGTREE,
NO FORMATO 14X21 CM E IMPRESSO EM PAPEL AVENA 80G
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL

SINOPSE

Metáfora crítica da formação do país, esta dramaturgia musical reescreve Shakespeare com elementos afro-brasileiros e indígenas. Na Vila de Vera Cruz, revela-se uma sociedade contraditória, cuja potência cultural convive com abismos de cinismo e (in)diferença.

O AUTOR

Renato Forin Jr. (escritor, jornalista, professor universitário de literatura e diretor teatral) é doutor em Letras pela UEL. Publicou os livros "Samba de uma noite de verão" (Prêmio Jabuti 2017), "OVO", "Carne Viva", e traduziu "Homens que caem".

ISBN: 978-85-85063-28-3

CDI



9 788585 063283